

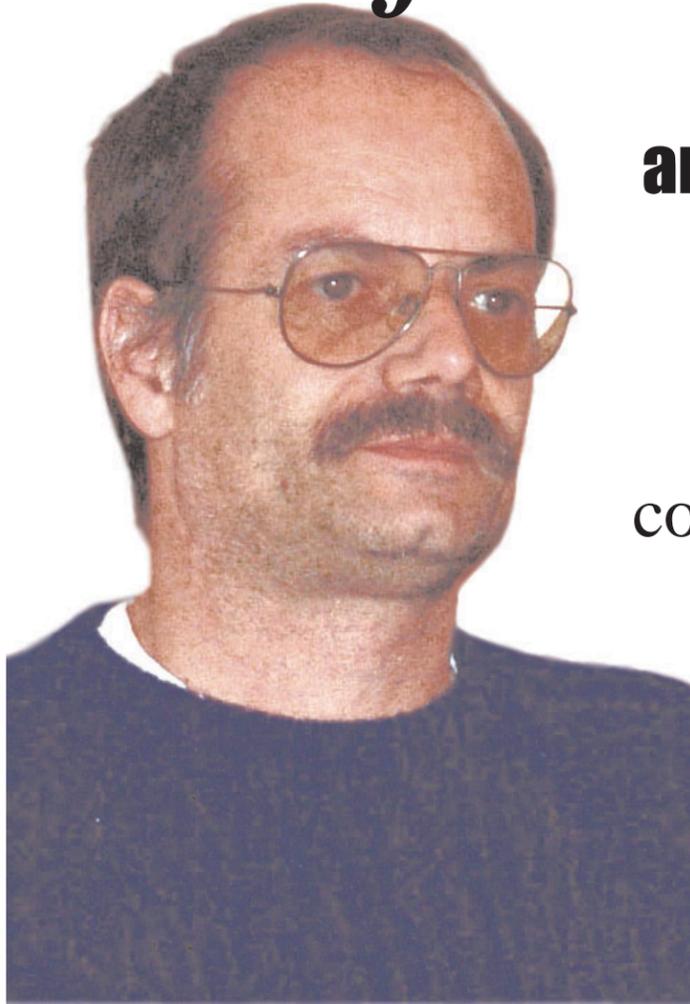


Stand Correia
Jacinto Ferreira Correia & Filhos, Lda.

Num só espaço
TUDO PARA A SUA CASA

Mobiliário – Electrodomésticos – Mercaria
Mosaicos – Materiais de Construção

Teófilo Braga



Defender o ambiente e a paz...
e contribuir para a construção de um mundo mais justo, limpo e pacífico

PÁG. 6-7 **Luís Noronha**



Santana Voando no tempo

PÁG. 9 **Laureano Almeida**

Nomes das nossas ruas



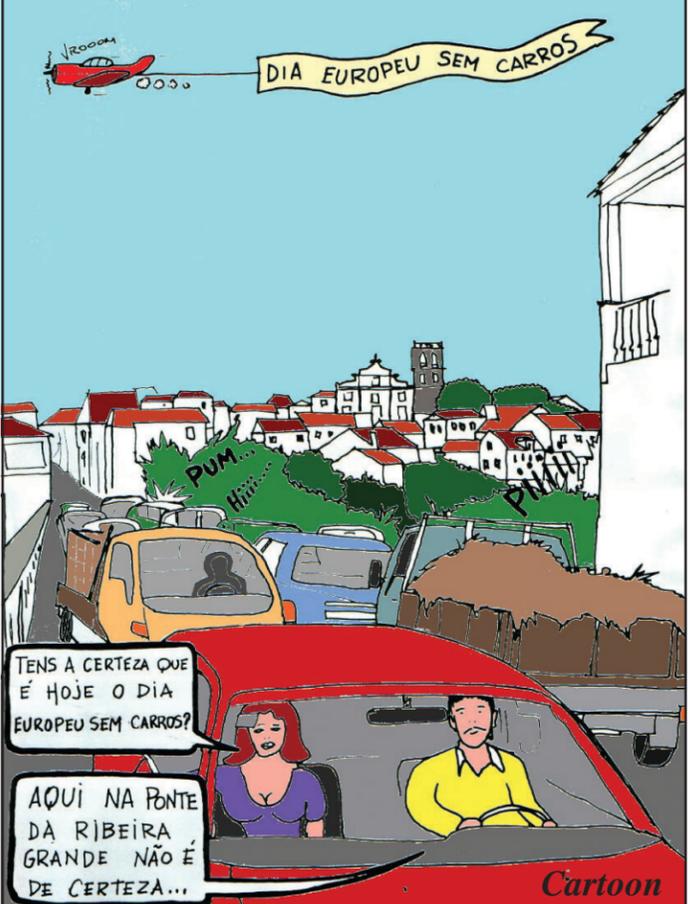
A partir deste número, iremos dar à estampa excertos do *Projecto de demarcação e denominação das ruas da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Cidade de Ribeira Grande, da autoria do Padre Egas Moniz, de 2 de Fevereiro de 1896, cuja pesquisa coube ao Sr. Luís Gamboa, sendo a transcrição parcialmente adaptada à linguagem actual da nossa responsabilidade.*

PÁG. 9 **Pe. Egas Moniz**



PÁG. 11 **Rita Medeiros e Ângela Medeiros**

First Commandment



DIA EUROPEU SEM CARROS

TENS A CERTEZA QUE É HOJE O DIA EUROPEU SEM CARROS?

AQUI NA PONTE DA RIBEIRA GRANDE NÃO É DE CERTEZA...

Cartoon

TOYOTA



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial oliveiramoura@mail.pt

Quem destinou o nosso destino?

Em 1840's, com a criação do Governo Civil, a Cidade de Ponta Delgada, que até então fora apenas cabeça de um dos vários Concelhos da Ilha de São Miguel, recebe os órgãos próprios da nova instituição.

Acham que, ao tempo, os demais Concelhos da Ilha estiveram de acordo com a forma, conteúdo e localização deste novo órgão de poder, a um nível superior ao concelhio?

Por que será que, sensivelmente por esta altura, a Vila da Ribeira Grande tentou, de balde, ser elevada à categoria de Cidade?

É um facto que a Cidade de Ponta Delgada, então impôs a sua vontade e destinou os destinos das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria.

Terá a ilha de São Miguel beneficiado por igual com a implementação deste novo órgão em Ponta Delgada?

Em 1890's, com a outorga da Autonomia Administrativa, a Cidade de Ponta Delgada acrescentou ao Governo Civil a Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada.

Acham ainda que, ao tempo, os demais Concelhos da Ilha estiveram de acordo com a localização da sede e os poderes de representação que a cada um coube no novo organismo?

Por que será que, por esta altura, os jornais do resto da Ilha e em particular os da Ribeira Grande, referiram-se a este 'arranjo', ironicamente, como um Novo Terreiro do Paço no Terreiro da Conceição?

Ponta Delgada, de novo, impôs a sua vontade, fez ouvidos de mercador às outras vozes e destinou de novo o destino da Ilha.

Terão as Ilhas de São Miguel e de Santa Maria por igual e no seu todo beneficiado com esta nova estrutura?

Em 1976's, com o advento da Região Autónoma dos Açores, Ponta Delgada mais as Cidades da Horta e de Angra do Heroísmo, até então sedes de Distritos Autónomos, repartiram o menos equitativamente que o peso de cada uma pôde as novas instituições.

Acham que todas as ilhas, incluindo a de São Miguel, estiveram de acordo com o 'negócio', autêntico Tratado de Tordesilhas Insular?

Por que será que só em 1981, cinco anos após a partilha inicial, apesar de tentativas anteriores, foram as Vilas da Praia da Vitória e de Ribeira Grande elevadas à honra sem o proveito de Cidade?

Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo impuseram, de acordo com os seus interesses estratégicos, a sua vontade, fizeram 'orelhas moucas' a tudo o mais e destinaram o destino das Ilhas.

Terá sido um bom negócio para todas as Ilhas, incluindo a de São Miguel?

PS: Em 2002: não se se adiantará alguma coisa dizer que escrevi estas linhas enquanto ouvia 'Eric Clapton - Blues'.

Oliveira Moura



Caixa do Correio

Infra-estruturas de segunda vaga

Após termos ficado arredados das infra-estruturas governamentais do Governo Civil, das da Junta Geral e das da Autonomia de 1976, estamos a ficar arredados das infra-estruturas Culturais Regionais. Infra-estruturas de capital importância para o futuro das nossas comunidades.

Ainda não conseguimos, e a continuarem as cegas divisões ao longo das linhas político-partidárias, duvido que alguma vez se venha a conseguir tornar doutrina política o facto de uma Cidade ser diferente de uma Vila.

Cito a recusa do Governo Regional em participar na Casa de Cultura de Ribeira Grande, consulte-se todo o projecto e constatar-se-á facilmente as manobras 'nim' do Governo Regional. Não disse 'sim', nem 'não', foi protelando com manobras dilatórias, até que o cansaço desmotivasse, todavia promoveu a criação de três Casas de Cultura, uma em Ponta Delgada, para cobrir as ilhas de São Miguel e de Santa Maria, a de Angra do Heroísmo, para cobrir toda a ilha?, e a da Horta, para cobrir não sei bem o quê e quem. Recentemente mudou-se-lhes o nome: a de Ponta Delgada passou a ser designada por Casa de Cultura de São Miguel, a de Angra, passou a ser a da Ilha Terceira e a da Horta, do Faial? Mudou-se-lhes o nome e ficou tudo na mesma? Agora esta incumbência passa, nas demais ilhas, a ser da responsabilidade dos Museus de Ilha. Mas, no essencial,

terá ficado tudo na mesma. Ainda que já se tenha ouvido da pretensão do Pico em ter uma e de o Governo Regional não ter recusado o alvitre. Ouvem-se, igualmente, rumores da criação de uma segunda Casa de Cultura na ilha de São Miguel e da sua localização na Povoação ou na Lagoa.

O Governo da Região tem a seu cargo a construção de todo o parque escolar, exceptuando o de nível superior, porém, estando as bibliotecas e os museus intimamente ligados ao processo ensino/aprendizagem, reserva a sua responsabilidade somente para três das cinco Cidades Açorianas. Assim se compreende, mas não se pode aceitar, que o Governo da Região construa escolas de ensino Básico e Secundário em todas as Vilas e Cidades, mas só construa Bibliotecas e Museus Regionais em algumas delas.

É certo que o GR, a exemplo do Governo da República, há dilatados anos vem manifestando o desejo de construir bibliotecas em todos os Concelhos, o que ainda não fez, ao contrário do Governo da República, mas, quando o fizer, de acordo com o diploma regional promulgado (?), pretende dar ainda primazia às três capitais dos ex-Distritos, tratando as demais duas Cidades quase ao mesmo nível das demais Vilas da Arquipélago. O mesmo se passa com os Museus. Santa Autonomia!

LPacheco

Caro Dr. Moura,

Pessoa amiga fez chegar às minhas mãos um exemplar do livro publicado este ano pelo Convívio Ribeirgrandense da Nova Inglaterra. E estou a escrever-lhe porque as suas palavras simples me tocaram no fundo do coração pois nelas pude reconhecer a sua estima pelos filhos do Concelho da Ribeira Grande.

É pena que os membros do nosso governo regional (sim, com letras minúsculas) não consigam compreender e captar o amor e a lealdade que esta enorme massa de emigrantes continua a dedicar à sua terra. Sim, de vez em quando há umas "caravanas" que nos visitam, mas são sempre os mesmos, como se só uma ilha dos Açores, neste caso a Terceira, tivesse escritores e artistas. E são sempre visitas à laia de visita à "colónia." Li no *Portuguese Times de New Bedford* uma notícia que, para mim,

exemplifica todas essas qualidades que nem o governo regional, nem o central, reconhecem. Dizia a notícia que os filhos de Rabo de Peixe na Nova Inglaterra se iam reunir em festa e angariar fundos para bolsas de estudo para alunos de Rabo de Peixe. Meu Deus, gente que foi corrida (para não dizer lançada ao mar) da sua terra pela má vida, extrema pobreza e falta de oportunidades, a curto ou longo prazo, estava agora reunida para ajudar os seus conterrâneos. Que exemplo.

Desculpe-me o mau português desta missiva mas já lá vão quase 40 anos que saí da minha Lomba da Maia. Contudo, não queria deixar passar esta oportunidade de lhe dizer o que sentia.

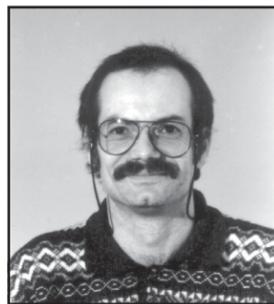
Muito obrigado!

José Rodrigues

Plantas Usadas na Medicina Popular (18)

Teófilo Braga

A Macela



Ao contrário de muitas outras espécies, a macela não é mencionada pelos autores da Antiguidade, nem pelos da Idade Média. No século XVI, é considerada erva daninha em Inglaterra e é cultivada em Roma, nos séculos XVI e XVII, daí que a macela também seja conhecida por camomila-romana.

Família- Asteraceae

Nome científico- *Anthemis nobilis* L.

Outras designações- Marcela, Camomila-romana e Macela-de-botão, na Madeira

Identificação- Erva vivaz, rasteira, com folhas em roseta e flores amarelas reunidas em capítulos. Embora apareça como espontânea, a macela é cultivada nos quintais das nossas freguesias rurais.

Utilização- De acordo com o eng. Silvano Pereira, num artigo intitulado "Plantas empregadas na medicina Popular nas ilhas dos Açores", publicado em 1953, a infusão das flores da macela era usada "como tónico para os estômagos dispépticos".

Num inquérito que efectuámos no final da década de 80 do século passado, a macela era mencionada por vários dos inquiridos, sendo utilizada essencialmente para combater as dores de estômago e intestinos e nas doenças da pele e dos olhos.

Segundo o Dr. Pamplona Roger, a macela apresenta várias propriedades de que se destacam as seguintes: anti-inflamatórias, digestivas, anti-espasmódicas, emenagogas (estimula e regulariza a menstruação) e anti-reunáticas.



Ficha Técnica:

A Estrela Oriental Jornal Mensal | Propriedade: Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Paginação: Francisco Veloso | Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Oflia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Ponte, Teófilo de Braga

Colaboradores Fuseirinho: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt

Tel. 963560639

Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

and
Associação Portuguesa de Imprensa

A Ribeira Grande e o turismo III



Qual o papel da Ribeira Grande? Qual deverá ser a opção estratégica?

Quase que se pode afirmar de uma forma contundente que a Ribeira Grande está a passar ao lado de

toda esta “onda” de desenvolvimento.

À semelhança do que o Governo está agora a fazer (embora já tardiamente) o Concelho de Ribeira Grande deveria desenvolver um plano estratégico de actuação que clarificasse o que queremos para a nossa terra em matéria de desenvolvimento turístico.

Actualmente, a nossa base de sustentação económica tem sido a agricultura (incluindo obviamente as unidades de transformação do leite), a construção civil e a pesca. Contudo, o nosso concelho tem uma serie de potencialidades que podem ser utilizadas. Temos a Lagoa do Fogo, as Caldeiras Velhas, as termas nas Caldeiras Novas, temos inclusive toda uma costa marítima que está totalmente desprezada.

É fundamental que não corramos o risco de passarmos a ser uma zona meramente dormitória de Ponta Delgada. Temos de aproveitar as verbas provenientes do III QCA (embora já o devêssemos ter feito mais cedo) para criar capacidade de alojamento, deixando apenas esta cidade de ser um ponto de passagem dos autocarros que transportam os turistas. Teremos de os fixar cá por mais tempo por forma a que estes deixem riqueza ao nosso tecido empresarial. Por falar em tecido empresarial, importa referir que deverão ser estes os principais impulsionadores da criação de estruturas de apoio (hotéis, actividades lúdicas e recreativas). Sem o investimento privado não podemos ambicionar chegar a lado nenhum. Às Entidades Públicas compete criar as condições para que este desenvolvimento ocorra. Necessitamos de aproveitar as potencialidades naturais que temos. A Ribeira Grande tem de ser uma cidade voltada para o mar. Para isso é necessário de uma vez por todas passar das palavras aos actos, temos de ser mais reivindicativos. É fulcral a construção da avenida marginal. Temos exemplos por todo o mundo de como é importante existir uma zona com

estas características. São os bares, as discotecas, as lojas e todo uma série de serviços que são fundamentais para que os turistas se sintam atraídos.

Outro factor importante é darmos outra vida às nossas zonas balneares. Temos excelentes praias (Moinhos, Santa Bárbara, Viola...) em que é necessário melhorarmos as condições, quer de segurança, quer de serviços de apoio. Temos também as tão famosas “poças”. É um local de já longa tradição, onde se juntam muitas pessoas, que apesar das más condições de segurança, continuam a ser fiéis aos seus banhos nas águas por vezes barrentas.

Penso ser possível encontrar uma solução que, sem prejudicar a beleza natural deste espaço, dê uma nova vida às “poças”, veja-se o exemplo das piscinas da Lagoa.

Existem também condições no nosso concelho, para promovermos um turismo virado para a natureza. Possuímos excelentes circuitos pedestres, actividades cada vez mais procuradas e valorizadas pelos turistas.

Outro aspecto que não podemos descuar, está relacionado com a cultura. Grande parte dos turistas viaja com o intuito de conhecer culturas diferentes. Existe a necessidade de se criarem programas alternativos que visem dois aspectos fundamentais. Por um lado combater a sazonalidade (que ainda é uma forte característica do sector nos Açores) e por outro oferecer, mesmo em época alta, alternativas à praia e aos passeios pedestres. Temos várias riquezas culturais que podem ser devidamente exploradas. É o caso da Casa da Cultura, que já é pequena para tanta visita, são as Igrejas (algumas delas em lastimável estado de conservação), são os nossos moinhos, a nossa gastronomia, de entre muitos outros exemplos que são o símbolo da nossa cultura.

Enfim, o objectivo desta série de três artigos, passa por alertar, quer as entidades públicas, quer as privadas para o papel cada vez mais importante que o sector do turismo está a ter na nossa economia e que se não for feito nada a Ribeira Grande perderá o “comboio” com resultados bastante nefastos para todos nós.

Marco Sousa

Navegar à vista



Em Abril do ano passado, Carlos César apresentava solenemente aos parceiros sociais os números relativos ao Plano de Médio Prazo, para os investimentos públicos nos quatro anos do seu governo socialista.

Nas palavras do líder do Partido Socialista, os 226 milhões de contos previstos para investimentos no segundo mandato do PS à frente dos

destinos da Região representavam “o maior investimento público de sempre feito nos Açores”. Estava-se a fazer história!

Eufórico quanto bastasse, César garantiu há um ano e meio atrás que “este Plano é para cumprir”. Palavra de presidente, que, em tempos, já foi, nesta Região, palavra de honra.

Passado um ano e meio sobre estes momentos “históricos” e hilariantes da vida política regional – foi deveras comovedor ver, na Assembleia Regional, os deputados da maioria absoluta socialista cantarem em cor o refrão: “o maior e melhor Plano de sempre”, ensaiado na sede do PS sob a batuta do então homem forte do PS, José Contente – eis que o mesmo Carlos César, acolitado pelo mesmo Secretário das Finanças, surge impunemente a apresentar uma proposta de alteração ao PMP 2001-2004 que leva a efeito um corte de 51 milhões de contos nos investimentos públicos previstos para os quatro anos deste segundo governo regional socialista.

O maior Plano de sempre passa, um ano e meio depois, a um “Planosinho” envergonhado, após uma lavagem que o encolheu para uns realistas 175 milhões de contos. Um encolhimento da ordem dos 22,6%.

O mesmo César que dizia que ia investir uma média de 56,5 milhões de contos por ano nos Açores é o mesmo que, agora, descaradamente, diz que vai investir somente 43,7 milhões de contos. Ou seja, para César menos 12,8 milhões de contos por ano para investir nos Açores são “peanuts”!

Com a mesma desfaçatez com que este governo apresenta aos açorianos um corte de 51 milhões de contos nos investimentos públicos, César garante que, com este Plano de Médio Prazo revisto em baixa, as metas de desenvolvimento dos Açores, a que se proponha há um ano e meio atrás, serão, na mesma, alcançadas.

Mas, mais triste do que constatar este autêntico “navegar sem rumo” da embarcação socialista, é sentir a apatia da sociedade civil açoriana perante este estado de coisas.

A anestesia do subsídio ou da avença aplicada a uns tantos ou um mero almoço a dois nos sumptuosos acolhimentos do Palácio da Conceição ainda, em pleno século XXI, vão dando resultado.

A bolina ainda vai permitindo esta navegação à vista!

Hermano Aguiar

CAFÉ
SNACK-BAR
MOINHOS
PRAIA DOS MOINHOS
Feliz Natal
ABERTO TODO O ANO PORTO FORMOSO
TELEFONE: 296 442 110

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

Na Galeria Comercial do Hiper Modelo na Ribeira Grande
 Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

A. Machado
 Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é VOCÊ

296 30 26 50

REFª 1167 - LOTE
 Fenais da Ajuda
 Área: 400 m2

Lote de terreno, com 20 metros de frente, destinado a construção de vivenda isolada. Com excelente vista panorâmica sobre o mar.

Preço: 27 434 Euros
 5.500.000\$00

Rede Imobiliária **On-Line:**
 Regional: WWW.AMACHADO.PT
 Nacional: WWW.APEMI.PT
 Internacional: WWW.FIABCI.COM

REFª 997 - TERRENO
 Rabo de Peixe
 Área: 4.320 m2

Com fácil acesso. Condicionado a pedido de viabilidade de construção à Câmara Municipal da Ribeira Grande, de vários lotes para construção de casas.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
 MEDIAÇÃO + SEGURA

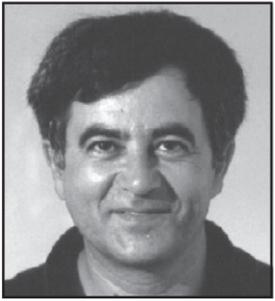
www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
 Rua do Passal, nº17B - 1º Piso
 9600 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção

Via Marginal ao longo da ribeira



Não é novidade nenhuma que a cidade e o concelho devem o seu nome à ribeira que nasce junto do Monte Escuro e desce pelas Lombadas até desaguar no mar.

As Freguesias da actual cidade desenvolveram-se viradas para as ribeiras. A Ribeirinha ao longo da ribeira das Gramas, a Ribeira Seca ao longo da ribeira do mesmo nome e a vila da Ribeira Grande deve praticamente o seu desenvolvimento à ribeira, uma das poucas linhas de água permanente que existem na Região.

É estranho que tenha sido tão maltratada nos últimos tempos!

Luís Noronha

Uma casa só com sala de visitas...

O centro da cidade é considerado a “sala de visitas”.

Se esta é a “sala de visitas”, com alguns descuidos que são lastimáveis, o resto da casa, sobretudo os “sanitários” (a falta de saneamento), é uma vergonha.

A poucos metros da sede do poder municipal, a norte da Ponte, os esgotos domésticos correm desafortadamente.

O chamado parque do Paraíso Infantil, que serve de cartão de visitas, mas que pouco tem de infantil, a não ser que os infantes se dediquem a actividades pouco recomendáveis, ainda vai mantendo, de longe, cá de cima, um aspecto menos mau.

Não se deve cair no atrevimento de descer ao dito parque (?) cujo alindamento está “em andamento” há vários mandatos camarários.

A Ponte exige que sejam rapidamente concluídas as intervenções recomendadas para evitar a sua degradação. **Não é possível manter a ribeira com um caudal tão anárquico junto da ponte.**



A ribeira tem de passar ao nível das sapatas, de modo a que nas enxurradas as pedras e troncos de árvore não atinjam a parte mais sensível da ponte que são os pilares!

Desde a ponte até à foz o aspecto contrasta com a zona do parque. A ribeira tem um curso irregular, devido à deposição de calhaus rolados e toda a espécie de detritos. Debaixo do actual leito é possível observar uma base de lava que deveria ser o leito natural da ribeira.



Nas margens, desde a foz até à ponte a construção de um caminho de cada lado, daria acesso, por debaixo da ponte, ao parque, e por escadaria e rampa à parte superior onde existem as casas. Já existe uma escadaria na margem esquerda que dá acesso à rua António Augusto da Mota Moniz, mas esta parece um esgoto a céu aberto.



As margens da ribeira têm pouca solidez, porque são resultado da deposição de lama e pedras transportadas nas enxurradas. Precisam de ser consolidadas, para evitar derrocadas. Os caminhos, a uma cota conveniente para prevenir inundações, com desenho irregular para respeitar o leito natural da ribeira, poderiam ter taludes de protecção às casas, feitos com materiais semelhantes aos da zona a montante da ponte.

A ponte poderia não ser só a ligação entre duas margens. Em cada uma das margens, a nível das sapatas e a nível do tabuleiro, a construção de acessos teria um resultado estético que melhoraria o que existe e teria a função útil de ligar a parte inferior à superior da ponte.

Em vez das ruínas onde são depositados entulho e lixo, disfarçados pela vegetação, poderia surgir uma escadaria.



Merecemos, a cidade merece, a recuperação das margens da ribeira, de modo a usufruirmos da sua beleza. É imperdoável que se permita que esta se transforme num vazadouro, ou num esgoto a céu aberto...

Percorrer um caminho ao longo da ribeira, que permitisse ir da sua foz até (pelo menos) à Mãe-d'água é um desafio que por agora não é possível na totalidade.

É uma proposta que consideramos útil continuar a desenvolver.



Diálogos Luís Noronha



TEOFILO JOSÉ SOARES DE BRAGA - ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu a 22 de Outubro de 1957, na Ribeira Seca de Vila Franca do Campo. **Reside** no Pico da Pedra onde casou há cerca de 20 anos.

Formação Académica: Curso de Ciências Físico Químicas/ Matemática (bacharelato), Curso de Estudos Superiores Especializados em Administração Escolar (equiparação a licenciatura). Curso de Património Histórico-Artístico, Natural e Etnográfico para Professores do Ensino Básico e Secundário.

Cargos: Vice-Presidente do Conselho Directivo e Coordenador do Clube do Mar da Escola EB 3/S das Laranjeiras de 1994 a 1996; Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica 3/S da Ribeira Grande, entre 1999 e 2001.

Actualmente é membro da Assembleia de Escola da Escola Básica 2,3 Canto da Maia e Presidente da Assembleia de Escola da Escola Básica 3/Secundária da Ribeira Grande.

Participação social: desde 1982, está ligado ao Movimento Ecológico, sendo presidente da direcção dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica; desde 1987, está ligado ao Movimento Cooperativo, ocupando actualmente o cargo de Secretário da Mesa da Assembleia-geral da Cooperativa de Consumo do Pico da Pedra; de 1998 a 2001, ocupou o cargo de Secretário da Assembleia de Freguesia do Pico da Pedra.

É **autor e co-autor** de diversos trabalhos entre os quais onze roteiros de percursos pedestres nas ilhas de S. Miguel e Santa Maria e é co-autor dos livros “Património Espeleológico da Ilha de S. Miguel”, “Lagoas e Lagoeiros da Ilha de S. Miguel “ e “Lagoas e Lagoeiros do Concelho de Ponta Delgada”.

DEFENDER O AMBIENTE E A PAZ ... E contribuir para a construção de um mundo mais justo limpo e pacífico

LN: Os Amigos dos Açores foram criados em 1987, como Associação de carácter regional, com objectivos **de defender o ambiente e a paz e contribuir para a construção de um mundo mais justo limpo e pacífico.**

O seu Presidente, Dr. Teófilo Braga recorda-nos que a propósito dos princípios definidos nos primeiros Estatutos, o Dr. Sobrinho, o Notário que os publicou, comentou que estes eram os princípios do Evangelho...

A conversa com o ecologista, como prefere definir-se, inicia-se com esta questão – os “Amigos dos Açores” têm vocação para assumir uma intervenção social?

TB: A questão da justiça social continua a ser importante, tal como a defesa de um mundo mais limpo, mais pacífico, são questões que não podem ser desligadas. Na altura da fundação, vivia-se ainda no período da guerra fria...

...com a ameaça nuclear...

Na altura as campanhas mundiais eram contra as armas nucleares, contra a possibilidade de uma guerra nuclear, pelo desarmamento.

Depois, a Associação evoluiu, os novos Estatutos foram aprovados e vão ser publicados em breve porque de acordo com uma classificação que foi atribuída a nível nacional pelo Instituto de Promoção Ambiental os “Amigos dos Açores” eram, injustamente, considerados como associação «equiparada» a uma associação de defesa do ambiente (ADA). De qualquer modo, é uma opção nossa continuar com a Educação Ambiental e manter uma componente científica, de estudo e de investigação.

Por exemplo, durante algum tempo fizemos acções de divulgação da Astronomia. Este tipo de actividades poderá não ser enquadrável no tipo de ADA.

Uma outra actividade que desenvolvemos e que poderá não poder ser considerada pelos burocratas é a desportiva não competitiva - são os passeios pedestres. Para uma parte das pessoas os passeios são um momento de recreio ou prática desportiva, mas, para outros, são uma oportunidade de contacto com a Natureza e de estudo, no local, da situação da flora e da fauna e paisagem. Para nós é uma componente de enriquecimento e de estudo.

LN: Conhecer para melhor proteger ...

TB: Isso mesmo – desde os primeiros anos mantemos no programa anual de actividades os passeios pedestres, a actividade “Conhecer para Proteger”, mensalmente, com dois passeios pedestres no mês de Agosto.

Esses passeios têm uma média de participantes ...de cerca de 30 a 35, nalguns casos chega à

centena, embora não seja recomendável, porque excessivo.

LN: E o número de associados?

TB: “A Associação tem mais de mil associados, embora com muita mobilidade. Um grande número é de professores que são colocados noutra localidade com muita facilidade ao fim de um ano lectivo. Os que vão para o Continente deixam de ser sócios, mas outros que vêm têm objectivos de conhecer a Ilha e participar nas nossas actividades e inscrevem-se, substituindo os que saem.”

LN: Os participantes nos passeios têm de possuir carta de montanhismo?

A partir do próximo ano terão obrigatoriamente um seguro que cubra todos os riscos de acidentes. Quem tiver a Carta de Montanhismo, que a nível nacional é atribuída pela Federação Portuguesa de Campismo, passa a ser praticante da modalidade como atleta federado. Quem possuir esta carta fica coberto pelo seguro, que abrange todas as actividades relacionadas com o pedestrianismo ou o montanhismo, mesmo que o pratique sozinho.

LN: A Associação é regional – tem associados em todas as Ilhas?

TB: Só não tem nas Flores e Corvo, mas a grande percentagem é da Ilha de S. Miguel. Temos protocolos de colaboração para os nossos associados poderem participar nas actividades de outras Associações como “Os Montanhismo” na Terceira e a “Azorica” no Faial e vice-versa.

LN: A nível nacional e internacional?

TB: Não temos protocolos, mas acordos pontuais. Por exemplo, participamos no projecto de âmbito europeu - “Coastwatch Europe” - em colaboração com o GEOTA. Fizemos parte de uma rede mundial chamada “Acção pela Terra” – “Earth Action” – que tem um funcionamento semelhante à Amnistia Internacional. Escolhe determinados problemas e faz a sua divulgação através de uma rede mundial, que pode cobrir muitas dezenas de países. Actua através de cartas dirigidas aos órgãos do poder e comunicação social. Uma das acções recentes foi o empenhamento nas comemorações no “Dia da Terra”...

Também fazemos parte de uma rede mundial que comemora o “Dia da Terra”, a 22 de Abril. Começou em 1970 nos Estados Unidos e tem vindo a crescer. A nossa participação tem sido a de chamar a atenção para determinados problemas ambientais.

Nos últimos anos o tema foi o aquecimento global, defendendo um maior recurso ao uso das energias renováveis e um uso mais racional da energia.

Num dos anos, fizemos uma visita aos jardins do Palácio de Santana e apresentámos ao Presidente do Governo Regional algumas questões que estavam pendentes, relacionadas com a nossa actividade. Algumas delas tiveram solução e outras continuam quase na situação em que se encontravam.

A primeira actividade do “Dia da Terra” foi uma visita ao Jardim António Borges, era na altura Presidente da Câmara de Ponta Delgada o Dr. Mário Machado e apresentámos um memorando chamando a atenção para, entre outros, os problemas do trânsito. Nele defendíamos a opção pelos transportes colectivos, pela construção de parques de estacionamento na periferia e por transportes urbanos apropriados.

Ainda estamos muito longe da solução ideal, mas já vão aparecendo autocarros mais pequenos, mais adaptados à circulação na cidade.

Muitos anos depois parece que se está a caminhar para a luz que se vê no fundo do túnel.

LN: Essa questão significa que a filosofia da Associação é mais ampla daquela que é dada normalmente às Associações ambientalistas?

TB: Chamar Associações Ambientalistas é a última novidade em termos de designação, porque as primeiras eram consideradas ecologistas.

A ecologia é uma ciência e o termo ecologista distingue a actividade científica da actividade social ou cívica. Aos cientistas deveríamos chamar ecólogos e os ecologistas são militantes da causa da defesa de um melhor ambiente e qualidade de vida, da defesa da paz – é uma perspectiva muito mais ampla. Os ecologistas utilizam os conhecimentos científicos para fazer uma intervenção social.

Considero que o termo ambientalista é um pouco redutor. Os ambientalistas fazem parte de uma corrente que tem preocupações mais restritas, como a defesa dos espaços naturais, áreas protegidas, problemas dos resíduos, talvez o mais badalado pelos ambientalistas, e os problemas dos transportes e da energia.

O pensamento desta corrente é que os problemas podem ser resolvidos pelas

entidades e com apoio da comunidade científica.

LN: Ou seja, pelas cúpulas políticas?

TB: Pessoalmente não estamos de acordo com esta visão, embora ache que em termos políticos muitas coisas se podem resolver a partir dos órgãos dirigentes e que a contribuição da comunidade científica é importante. Mas o mais importante é envolver a as pessoas na resolução dos problemas, embora também não se possa transferir toda a responsabilidade para a sociedade, considerada em abstracto...

Sim, deve passar pela modificação de cada um e do contributo de cada cidadão para a resolução dos mais diversos problemas, ambientais ou não.

LN: Os “Amigos dos Açores” contribuem para



a modificação das atitudes das pessoas através da Educação Ambiental, porque esta não pode reduzir-se à Escola?

TB: Antes dizia-se que a Educação era dada pela família e a escola dava a instrução. Parece-me que as famílias abdicaram das suas responsabilidades e transferiram todas as responsabilidades para a Escola. É uma tarefa muito grande que a Escola não pode ter exclusivamente a seu cargo.

Agora, a educação e mesmo a instrução que os nossos jovens têm não passa só pela escola. A Sociedade dispõe de meios, como a comunicação social, a televisão é o meio de maior influência, os novos suportes informativos, como o acesso à Internet, que reduz a escola a um papel diminuído.

A escola continua a ter um papel importante, mas limitado. A educação ambiental – o inculcar de novos valores – tem de começar antes da escola e tem de continuar ao longo da vida. Muito mal estaremos se o tempo a ela dedicado

Diálogos

Luís Noronha

for limitado ao curto período que a escola disponibiliza para tal, porque grande parte do tempo em que os jovens estão na escola é dedicado à aquisição de conhecimentos nos vários ramos do saber.

Os valores são remetidos para algumas disciplinas, normalmente quase consideradas marginais porque não entram para as médias que contam para a transição de ano...

LN: As posições públicas que a Associação toma também influenciam a opinião pública e a sua formação...

TB: Indirectamente, através da comunicação social. Esta, ao dar eco às nossas posições, está a contribuir para a sensibilização e educação ambientais. A nossa intervenção na televisão é mais pontual e espaçada no tempo.

Directamente, contactamos com os nossos associados, nomeadamente através do correio electrónico e das nossas publicações periódicas.

LN: A importância da economia na vida das pessoas, a pressão para o consumo, a produção dos resíduos a aumentar...

TB: A questão dos resíduos é mais complexa do que parece. Não se resolve apenas com aterros e incineradoras.

Há pouco tempo, relativamente, os partidos políticos não falavam de questões ambientais, nem os abordavam nos seus programas. Agora todos têm propostas, embora muitas vezes seja só retórica.

A componente económica sobrepõe-se à ambiental, quando se trata de tomar decisões.

Outro tema que agora apareceu e anda na boca de todos é o do desenvolvimento sustentável.

Em termos simples é a defesa do desenvolvimento que não delapide os recursos, de modo que estes continuem a servir os vindouros, mas penso que a sociedade caminha quase para um abismo e a questão do desenvolvimento sustentável é mais um slogan na boca dos políticos para fazerem crer que estão a fazer o melhor pelas suas terras e pelos seus países.

Relativamente aos resíduos, a sociedade é cada vez mais consumista e cada vez se faz menos para inverter a situação. Continua-se apenas com paliativos para tentar resolver problemas no fim da cadeia. Os problemas deviam ser tratados na origem, devia ser logo a indústria a tentar produzi-los o menos possível, para chegarem menos ao consumidor e a assumir a obrigação de os eliminar.

Aqui, a preocupação começou pelo aterro sanitário, mas ainda estamos muito longe da recolha selectiva quando se trabalhasse a sério, pelo menos em pequenas comunidades, já deveriam estar implementadas experiências de recolha selectiva.

Há quantos anos se fala na política dos 3 R's, da redução, da reutilização e da reciclagem?

Já existe a preocupação do esgotamento do aterro que há pouco tempo começou a ser utilizado e não se vislumbra a recolha selectiva. É um sinal que a política dos resíduos não está a ser correcta.

LN: Outra questão relacionada com a economia é a extracção de inertes...

TB: Se calhar estamos com vinte anos de atraso. Devia haver um plano para exploração de inertes, em que fosse feita a escolha de locais em que essa exploração fosse feita e outras onde o valor geológico, histórico do nosso vulcanismo a devia impedir...

Por exemplo...

O Pico Vermelho...

O Pico das Freiras...

E outros, não falando apenas em termos de Concelho, há dezenas de casos nesta ilha, que não deveriam ter sido licenciados. Outra questão – para cada exploração há um plano de exploração e um plano de recuperação. Não tenho conhecimento de uma exploração de inertes que tivesse terminado em que tivesse sido implementado um plano de recuperação.

LN: Que fazer para eliminar esta situação?

Possivelmente a legislação existente seria suficiente se houvesse fiscalização eficaz e quem a não cumprisse ficaria impedido de exercer essa actividade...

Há falta de ordenamento urbano, há poucos Concelhos com Plano Director Municipal (PDM).

Um dos instrumentos da política ambiental, talvez um dos mais importantes é o orde-



namento do território.

O ordenamento falha nos Açores, desde o Plano Regional do Ordenamento do Território de que já se fala há muitos anos, até aos PDM's. Já há uns dez anos que se fala que os Concelhos que não tenham o PDM aprovado não poderiam candidatar-se a verbas da Comunidade Europeia, entretanto esses prazos têm sido sempre dilatados.

Por exemplo, a Ribeira Grande continua sem PDM e, por aquilo que se sabe, limita-se a definir áreas para construção, pequenas zonas industriais, etc. ao sabor dos interesses dos "investidores".

Falava-se de um Plano para o centro histórico da Ribeira Grande (cidade), que também não se compreende porque tem sido sucessivamente adiado e seria importantíssimo para evitar que algumas barbaridades, como a destruição de imóveis com interesse histórico.

LN: E o ordenamento da orla costeira...

TB: Não temos conhecimento de nenhum plano de ordenamento da orla costeira da Ribeira Grande. O único documento em que a Associação foi ouvida, foi por intermédio de uma empresa que ficou encarregue de fazer o estudo de impacte ambiental para a zona das Poças. Na altura dissemos que fazia sentido dar opinião não apenas acerca daquele projecto, que era muito limitado, mas sim sobre um projecto integrado que envolvesse todo o litoral da cidade da Ribeira Grande.

Pelo conhecimento que temos do litoral do Concelho, nomeadamente das Calhetas, Rabo de Peixe e Ribeira Grande, até ao porto de Santa Iria, está a ser muito maltratado. Há despejo de resíduos, lançamento de águas pluviais e efluentes domésticos com tubagens e canalizações diversas, muitas delas nem chegam até ao mar, despejam nos próprios caminhos. Penso que a Câmara Municipal devia pensar nesta situação e agir o mais depressa possível.

Porque, nomeadamente junto ao porto de Rabo de Peixe, há uma situação que não sei mesmo se haverá no 3º mundo situações tão lamentáveis como a que lá se vê.

No litoral há espaço para tudo: há zonas que deviam ser valorizadas para o recreio, para o acesso ao mar durante o Verão e zonas que deveriam ficar defendidas. Devia evitar-se o "emparedamento" da costa com o pretexto de defesa de moradias. Há zonas que deviam ser desalojadas, como no litoral das Calhetas e Rabo de Peixe.

A zona que fica entre o Palheiro [miradouro de Santa Luzia] e o porto de Santa Iria foi considerada como biótipo do programa Corine da Comunidade Europeia e está toda completamente descaracterizada, com lançamento de resíduos, com deposição de entulhos e pedras das pedreiras que existem ao longo da costa.

A costa da zona do Porto Formoso até ao limite do Concelho é muito bonita, aí não deveria haver qualquer intervenção humana. Nessa zona dificilmente haverá pressão por ficar um pouco isolada, a não ser que a "moda" do turismo leve a que haja a tentação de construção mesmo sobre as arribas o que não deve ser permitido.

Muita gente se esquece do interior do Concelho, porque as Freguesias têm como limites o centro da Ilha.

O interior é talvez a parte mais valiosa do

Concelho, para a conservação da natureza, é sem dúvida a área das Lombadas – Lagoa do Fogo, que está inserida numa reserva natural. Essa reserva foi criada ainda em 1974, no Governo de Marcelo Caetano e nesse decreto estava prevista a criação de órgãos de gestão e depois qualquer área protegida deve ter um corpo de vigilantes e um regulamento para a sua gestão. Nada disso foi feito e penso que nada disso está a ser preparado pelo Governo Regional.

Em S. Miguel, a única área protegida cujo plano de ordenamento e gestão está a ser elaborado e em discussão é a do Ilhéu de Vila Franca.

Outra zona de interesse paisagístico e interesse de carácter geológico é a Lagoa de S. Brás. Como é sabido, esta é a lagoa que se encontra em situação pior em termos de estado de eutrofização. Como é uma lagoa relativamente pequena e como na bacia hidrográfica há actividade agropecuária, ela corre um risco bastante grande de desaparecer, de se transformar num pântano.

Corre um perigo muito mais rápido de eutrofização do que as grandes lagoas, porque o volume de água é muito menor.

LN: Se a bacia é mais reduzida, não seria mais fácil e mais barato aplicar medidas, como as que se pretendem aplicar nas Furnas e Sete Cidades?

TB: O problema é que não se pode optar entre umas e outras, teria de se fazer tudo e em todas. Como sou natural de Vila Franca, também acho que se devia intervir na Lagoa do Congro, que também já apresenta problemas.

A Lagoa de S. Brás deveria ser uma aposta não só do Governo, mas também da Autarquia, porque é uma das belezas naturais e de interesse turístico que o Concelho tem.

LN: O Jardim Botânico dos Açores é um parque que existe apenas no Faial, não haveria interesse em criar extensões, que permitissem o plantio de plantas endémicas, a recuperação da laurissilva?

TB: A flora deve ser protegida em primeiro lugar nos próprios locais onde existe.

Os jardins botânicos podem contribuir para a reprodução de algumas espécies para depois serem introduzidas nos seus habitats. O Jardim Botânico pode, também, ter um valor bastante

grande em termos de educação e sensibilização ambientais.

Um local onde poderia ser implantado na Ribeira Grande um desses ramos do Jardim Botânico seria a zona da Caldeira Velha.

É um vale bastante protegido, a uma altitude intermédia, seria um bom local para instalar um Jardim com aquelas características. Por outro lado, seria uma maneira de criar um atractivo para não o transformar numa mera zona balnear. A Caldeira Velha poderia assim ter outro interesse didáctico, científico, para além do interesse balnear, cuja capacidade será sempre muito reduzida, dadas as dimensões e o caudal de água que não é muito grande.

LN: Foi feito um plano de salvaguarda daquela zona que teve em conta a proposta anteriormente feita pelos "Amigos dos Açores"?

TB: De uma forma geral contempla todas as nossas reivindicações, ou a nossa proposta. Quanto mais tardia for a intervenção, mais cara vai ser, maior será a sua degradação, mais difícil será a sua recuperação.

Se não se tivesse deixado cortar as árvores centenárias que aí existiam a zona apresentaria-se com aspecto completamente diferente, as árvores dariam outro interesse ao local.

LN: Se fosse possível, egeria algo que desse esperança às pessoas que a sua qualidade de vida irá ser defendida no futuro?

TB: Sinceramente não estou muito optimista! Tenho pouca confiança em quem nos governa, a todos os níveis.

Confio mais nas pessoas, é preciso que estas façam algo, não apenas em termos ambientais.



A desculpa que às vezes se dá que não se pode fazer nada, não serve. Por mínimo que seja o contributo é sempre importante.

Os governos, as autarquias e demais responsáveis só fazem aquilo que todos nós quisermos. Somos nós (os cidadãos) que os elegemos e podemos pôr fora se não corresponderem.

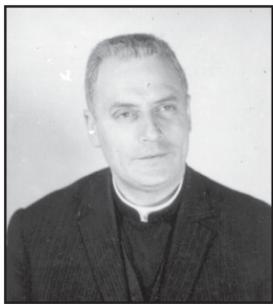
Há países em que as questões ambientais já derrubam governos – é preciso que nos Açores se chegue a uma situação semelhante.

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419



Aos novos VIII

A Educação

Portugal Cristão 1

A boa nova do Evangelho chegou à Península Ibérica, já romanizada, isto é, penetrada pela civilização romana e recebeu bem o cristianismo que logo alastrou pelo ocidente da Europa, admitindo-se até que tenha sido o apóstolo São Paulo a pregá-lo.

Durante a perseguição de Dioclesiano (303) houve mártires em Évora, Lisboa e Braga. Depois do édito de Constantino em 313, a luz do Evangelho encheu a Península de lés a lés, como chuva de estrelas, segundo se lê em Portugal gigante, em adaptação de Fernando Pomplona.

Sucederam-se as invasões bárbaras, na liquidação do Império Romano, chegando umas que por pouco tempo se fixavam, encenando pouco depois a partida.

Em meados do século VI, os visigodos empurrados do sul da gália, dirigiram-se para a península onde depararam com os alanos e suevos já ali estabelecidos, com costumes diferentes e até a religião, pois prululava o arianismo por toda a parte. O rei Leovigildo consegue a unificação política, uma paz conquanto material, deixa por resolver problemas de índole cultural e religiosa que obtém solução com a ascensão ao trono de Recáredo, reunindo em Toledo um concílio solene em que abdicou do arianismo e todos se converteram ao catolicismo.

Mais de um século a península gozou a paz que só as discórdias políticas enfraqueceram e prepararam a invasão do Crescente que queria dar a volta à Europa para levar o Islão a todo o mundo.

Em 711 da era cristã, passaram os muçulmanos o Estreito, sob o comando de Tarique, delegado do emir de Luça em África, desembarcaram as suas forças e surpreenderam o rei Rodrigo que caiu no campo de batalha de Guadalete. Intervém Herculano com o seu sábio veredictum: «Um dia bastara para aniquilar o império que durante quatro séculos, fora o mais poderoso e civilizado entre as nações germânicas estabelecidas nas diversas províncias romanas. A cruz, derribada com ele, só devia tornar a hastear-se, triunfante, em todos os ângulos da Espanha, depois do combater de oito séculos».

Surge o domínio árabe na Ibéria mas os cristãos vencidos, não se deixaram escravizar, subiram para as montanhas, não podiam combater em campo raso, foram para a guerrilha e emboscada, infligindo por volta de 718, comandados por Pelágio, uma forte derrota aos muçulmanos em Covadonga e principia para jamais amortecer, a Reconquista cristã, verdadeira epopeia que oferece aos românticos, temas palpitantes de heroísmo. Herculano, um dos introdutores do romantismo, sentiu que tinha motivos de sobra para realçar a fé e intrepidez dos crentes, não ficando atrás dos gregos e romanos, inspiradores do classicismo. No seu Monástico, mais propriamente no seu Eurico o presbítero, lega à posteridade a sublime mensagem:

«Mais de sete séculos são passados depois que tu, oh Cristo, vieste visitar a terra. E as tuas palavras foram escutadas pelos indomáveis filhos da gótia e eles

ajoelharam aos pés da cruz».

O que foi a luta tenaz dos cristãos na Península, conquista de povoações para serem tomadas e retomadas. Surgem as primeiras monarquias cristãs e a Igreja pede aos fiéis da Europa que venham em socorro dos seus irmãos na fé peninsulares.

Por volta do segundo quartel do século XI, já se definia o reino de Leão e Castela a que se juntara o da galiza, sob o cetro de Afonso VI. Era difícil pela extensão e distância a que se encontrava do Rei, manter a autoridade estável deste e por isso resolve casar as filhas D. Urraca e D. Teresa, com dois nobres cavaleiros estrangeiros, vindos de França, D. Raimundo e D. Henrique, aparentados com o rei daquela nação. Os historiadores apontam o ano de 1091 para o casamento da filha legítima D. Urraca e o de 1095 para o da filha bastarda D. Teresa, ficando o reino da galiza dividido em duas partes: do mar até ao rio Minho, o condado da galiza, sob o governo de Raimundo; do rio Minho para o sul, o condado de Portugal, sob o governo de Henrique e é neste segundo condado que se encontra a Terra Portucalense, base geográfica fundamental do que se chamaria Portugal. É pois aquela data de 1095 do casamento de D. Teresa com D. Henrique, a data provável da fundação do condado Portucalense. Ora, esta data coincide com a proclamação das Cruzadas pelo Papa Urbano II em Clermont, o proselitismo cristão manifesta-se por toda a parte, as primeiras monarquias consolidam-se com a reconquista cristã aos mouros, da terra peninsular.

A voz da Igreja fez-se ouvir em Clermont, pelo pontífice então reinante e que a governou de 1083 a 1099, convocando para aquela cidade francesa um concílio, o papa era mesmo francês e com a sua eloquência descreveu as crueldades que os turcos, apoderando-se da terra santa, infligiam aos cristãos. Libertar a Terra Santa, é o grito de todos, o papa conta com o ocidente que formava uma poderosa unidade e tinha consciência de que os cristãos se poderiam opor ao avanço do islamismo, lembrando em pleno concílio aos seus conterrâneos franceses: «Nação querida do Senhor, (a França foi considerada sempre a filha primogénita da Igreja) a Igreja confia na vossa coragem; conhecendo a vossa piedade e bravura, atravessei os Alpes e vim trazer-vos a palavra de Deus. Não esquecesteis ainda que a terra que habitais, foi invadida pelos sarracenos e a França teria recebido a lei de Mahomet, se Carlos Martel e Carlos Magno, lhes não tivessem feito resistência tenaz».

Assim falou o Papa na terra que lhe dera a berço. E a primeira preocupação da Igreja, além da força evangelizada, era a defesa do ocidente do poder muçulmano. Pois é nestes tempos conturbados que nasce o condado Portucalense, 1095 e 1095 as cruzadas. É o seu baptismo, como nação cristã.

É o Portugal Cristão!

É certo, que muitas vezes a par desta reconquista cristã, bem consciente, se travaram lutas estéreis entre os príncipes

cristãos, colocando acima da causa sagrada da fé, interesses individuais e mesquinhos. De muito valeu o grande poder moderador dos papas, olhando de cima, o que convinha aos interesses comuns da cristandade.

Após a morte de D. Henrique em 1114, ficou D. Teresa com o governo do condado, pois o único filho varão, D. Afonso era uma criança mas D. Teresa com a sua hábil diplomacia, consegue duplicar a extensão do condado Portucalense. Cedo os seus súbditos lhe outorgaram o título de rainha e aqui começa intervenção benéfica de Roma, a favor da nossa independência. O Papa Pascoal II que governou a Igreja de 1099 a 1118 e se celebrou na questão das Investiduras contra os príncipes alemães, chama a D. Teresa, «Rainha Teresa». A Igreja não nos abandonaria mais até à consolidação da independência. O governo de D. Teresa foi tão eficaz para a consolidação do condado, que pôde escrever o severo Herculano: «à sua política se ficou devendo até certo ponto, o nascer e radicar-se em Portugal, aquele sentimento de individualidade que constitui barreiras, entre povo e povo, mais sólidas e duradouras, que os limites geográficos de duas nações vizinhas».

É o veredictum da História, porque ela foi o instrumento primário da Nacionalidade Portuguesa. À intrepidez da mãe, sucedeu a determinação do filho, na primeira tarde portuguesa em S. Mamede, ano de 1128. Os mouros atacam ao sul, é uma coligação de cinco reis, são vencidos pela cruz e então o bom povo português confia no chefe, antecipa-se à independência formal e política e dá-lhe o título de Rei. Ourique ficou como marco histórico da nossa independência e o nosso épico cantou no canto III, 54, o escudo de Portugal Cristão:

E nestes cinco escudos pinta os trinta Dinheiros por que Deus fora vendido, Escrevendo a memória, em vária tinta D'Aquele de quem foi favorecido. Em cada um dos cinco, cinco pinta, Porque assi fica o número comprido, Contando duas vezes o do meio, Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

Portugal pela mão da Igreja

A seguir a Ourique, D. Afonso Henriques retoma o objectivo principal a que se propusera, a independência do Reino e entra na galiza a medir forças com as tropas leoninas, sorrindo-lhe a vitória em Arcos de Val-de-Vez. A iniciativa da paz pertence agora ao Rei de Leão que pede ao Arcebispo de Braga a sua cooperação que vem a concretizar-se na conferência de Zamora (4 e 5 de Outubro 1143) em que se firmou uma paz definitiva, reconhecendo D. Afonso VII o título de rei ao primo D. Afonso Henriques.

É curioso que esta data, 4 e 5 de Outubro, é evocada pela caravana monárquica que, enquanto se celebravam as comemorações da proclamação em 5 de Outubro de 1910 na Câmara Municipal de Lisboa, percorria as ruas da baixa da capital, indo até aos Jerónimos celebrar a data da independência de Portugal.

O Presidente Sampaio mandou-nos um recado, lamentando a ausência dos jovens nas celebrações nacionais. Se a escola hoje pouco diz aos jovens, como os poderemos achar comprometidos para as grandes causas nacionais?

Na referida conferência de Zamora que desligou definitivamente Portugal de Leão, teve papel relevante o Legado pontifício, Guido de Vico e perante o qual, D. Afonso Henriques prestou vassalagem à Santa Sé.

Só em 1179, o Papa Alexandre III, pela bula de 23 de Maio *Manifestis probamus*, reconheceu o título de rei, de direito, a D. Afonso Henriques que já o usava de facto e assim o povo o considerava.

Não nos podemos admirar de, tardiamente a Santa Sé reconhecer a nossa independência, pois era a sua política, sábia e tenaz de não consentir a divisão dos reinos cristãos mas optar pela centralização.

A divisão só quebra a força e esta era necessária e muito coesa, para enfrentar o inimigo comum.

Dois referências às personalidades que intervieram no processo da independência: Alexandre III e D. João Peculiar. O primeiro governou a Igreja de 1159 a 1181, o homem que na prolongada Idade Média, maior bem fez à humanidade, quem no século doze, aboliu, quanto pôde, num concílio a escravidão; ressuscitou os direitos dos povos e reprimiu os crimes dos reis, são estas afirmações do insuspeito Voltaire, citadas na História Popular dos Papas de Chantel.

A segunda personalidade é D. João Peculiar, Arcebispo de Braga, cujos bons ofícios para a paz são solicitados pelo rei de Leão, foi o conselheiro e o braço direito de D. Afonso Henriques, no processo da independência, começando por libertar a Sé de Braga da Jurisdição de Toledo.

As lutas entre os príncipes cristãos tinham vaivéns que a sorte ditava, mas deviam ser suplantadas perante o perigo, denominador comum que os mouros ofereciam. A Igreja desempenhou o papel de árbitro moderador que fez poupar muito sangue cristão.

A luta porfiada e incansável do primeiro rei, saldou-se com a independência do Reino, ficando para os seus sucessores a reconquista das terras até o Algarve. A Igreja continuou a ajudar o Portugal Cristão que, não havendo mais terras a conquistar na península, havia de olhar em frente o mar, sua fronteira natural e intransponível e dar novas nações ao mundo.

Fernando Pessoa, em Mensagem, dedica a D. Afonso Henriques, a quadra que fecha este primeiro artigo do Portugal Cristão:

Pai, foste cavaleiro.
Hoje a vigília é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!



Tempo de tanta saudade
Tempo que o tempo levou
Tempo da longe mocidade
Que nas asas do tempo voou.

“A noiva”

Aquela zona do morro da Ribeira Grande, como era então conhecida no período Fructuosiano, depois a dominar-se por Santana, que julgo dever-se em parte a uma capelinha que agora agoniza, é por excelência um dos muitos lugares agradáveis no importante concelho da Ribeira Grande. Os espaços são como vidas, não valendo por vezes pela sua extensão, mas sim pelo seu conteúdo. Santana lembrada aos tempos de antanho encerra em si uma carga tão grande como a Ladeira da Velha, Santa Iria ou até mesmo tempos na vida da própria cidade da Ribeira Grande.

O clarão da guerra transformara-a rapidamente, ali instalando um aeródromo, sob a orientação de um tenente engenheiro, de nome Garrilho, deixando para arquivo uma confusa e baralhada informação topográfica do que fora em parte a velha e doce Santana de ameno clima, de fruteiras e vinhedos, convidando a perlongada e apetecida vilegiatura.

A aviação então ali vivida, que tinha por essa época forte carga romântica, é constituída por uma plêiade de pilotos, qual deles Guynemer, tripulando frágeis aviões, quais obedientes corcéis de tela e de alumínio, ou gigantescas falenas, voando e subindo numa ânsia quase desmedida de roubar o céu. Alguns pereceram. E não é a vida o curso superior da morte? Guimarães e Cardoso ali continuam voando tão lembrados, como no céu, na alma de outros pilotos.

O armistício levava asas e bagagens e toda aquela alegre e ruidosa mocidade para outras paragens, deixando vazio na vida social da então vila da Ribeira Grande, que julgo merecer a seu tempo cuidado e merecido estudo.

Mas Santana continua prestante. Ainda nos anos quarenta, já em clima de paz, ali se instala um dos mais sonhados projectos, a Sata - Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos, à qual me liguei na plena sonhadora e alegre mocidade, que o tempo ligeiro arrebatava de nossas vidas, mas que algumas parcelas julgadas insignificantes, são enormes na soma arrastada dos anos e que recordá-las é como nova mocidade que volta.

A Sata, após vicissitude que lhe traz amargura, resoluta lança-se decidida e definitivamente no céu dos Açores, com novo e moderno equipamento – são Doves – pombos ingleses,

produzidos pela The Havilland Aircraft Co Lta de Halfield, dos quais tive a honra e o gosto de integrar tripulações na companhia de experientes e abalizados pilotos, que a consciência me obriga a recordá-los com o maior respeito e de viva saudade.

E assim, de poiso em poiso, de ilha em ilha, fugindo a ameaçadoras borrascas ou fascinado à madrugada e aos poentes, fui vivendo por milhares de horas, uma experiência das mais ricas que me deu a vida.

Corriam os anos sessenta, Santana está para acabar e já nos deixa saudades. O dia é de domingo, o tempo é de verão, o voo é o último do dia. Estamos na Base Aérea das Lages na ilha de Jesus e o destino é o aeródromo de Santana na ilha do Arcaño. Entre os passageiros embarca com maior postura e dignidade uma noiva no seu alvinitente vestido e véu, que viajara sentada na zona da asa a bombordo.

Autorizado, o comandante Jorge Tércio Morais Freire procede à descolagem. De avião limpo – trem e flaps recolhidos - sobrevoamos a vila da Praia da Vitória, subimos suavemente. Por viajarmos com a carlinga aberta verificámos que nos passageiros há como um ar de festa. O voo corre com normalidade, o sol brilha, não há nuvens apenas alguns estratos. Estamos em cruzeiro, o comandante faz alusão ao baixio Dom João de Castro, estamos a meia viagem, despedimo-nos das Lages.

Apenas alguns minutos mais e são as formalidades para aterrar - Santana tower, Santana tower, tango alfa bravo.

Ali, uma série de regras e operações são efectuadas na maior disciplina e ordem.

Rolámos na pista e suavemente entrámos na placa em direcção ao hangar. Por ordem do comandante corto motores e ao fundo um funcionário, colega da manutenção, de lança a lembrar Neptuno, prepara-se para a recolha do avião.

Procedeu-se ao desembarque. Por ter de fazer registo no diário de navegação ainda ali fiquei atado à cadeira da pele cinzenta de costas pontiaguda, naquele pequeno e apertado espaço que respeitosa e considerava um santuário por me levar mais perto do céu e de Deus. Olhando à janela vi aquela noiva, feliz, descer em direcção ao terminal tão firme e tão segura como pomba branca a experimentar as asas.

Linda a minha terra, onde por amor vão “noivas” de ilha em ilha para casar.

Laureano Almeida

Nomes das nossas ruas



Rua do Guadalupe, compreendida entre a fábrica de destilação, no Cabo da Vila, e a esquina ocidental por onde emboca a rua do Vencimento (a fim de perpetuar a invocação da igreja dos franciscanos e da ermida em que se fundou). [Actuais ruas Adolfo Coutinho de Medeiros e parte da de São Francisco].

Rua de São Francisco, determinada pela embocadura da actual rua do Rodrigo [actual rua Dr. Oliveira San-Bento] e a foz da de São Sebastião (para comemorar a prestação social do Convento que a domina).

Rua da Imaculada [rua de Nossa Senhora da Conceição], definida pela igreja paroquial e a boca da rua do Alcaide (em memória da invocação dogmática da Paróquia e do seu orago).

Rua de Lopo de Aires [actuais ruas de Nossa Senhora da Conceição e de El-Rei D. Carlos I], demarcada pela foz da rua do Alcaide e a ponte do Jardim do Povo [Largo Hintze Ribeiro] (por ser o nome do ribeiragrandense que requereu e obteve d’El-Rei D. Manuel os foros de Vila para a sua pátria, cabendo assim de direito a uma rua comum às freguesias principais da mesma Vila)’.
Preparação, gr.

Padre Egas Moniz

A Ribeira Grande através dos tempos

Padre Ernesto Ferreira, redactor d’A Vila. 1905



‘A Ribeira Grande é uma vila importantíssima pela sua extensão, pelo seu movimento e pelos melhoramentos que nela se têm realizado nos últimos anos. Se de direito não é uma cidade, é-o ao menos de facto. E que extensos campos a rodeiam! Como eles respiram felicidade e abundância! Parece-me que em S. Miguel não há terra onde mais se trabalhe do que na Ribeira Grande. Vive aqui um povo essencialmente laborioso, e nisto está o seu maior elogio. [...] A excelente Vila é, para assim dizer, a mais viva imagem da operosidade micaelense. Até um dos seus Jornais se intitula ‘O Trabalho’. Considerada sob o ponto de vista material, tem a Ribeira Grande boas ruas com numerosas casas, muito antigas e, por isso, nem sempre de aspecto agradável. [...] [A] excelente administração da Câmara transacta [...], sob a presidência do Sr. José de Mello Nunes, realizou notáveis melhoramentos, entre os quais avultam a iluminação eléctrica, as bonitas casas de banho à beira mar e o abastecimento de água potável por canalização de ferro. [...] Significa isto ainda a minha admiração pelo adiantamento de um povo, cujo carácter afável e hospitaleiro faço justiça, o povo da Ribeira Grande, que está dando o belo exemplo do quanto vale e pode o trabalho dos cidadãos aliado à boa orientação dos dirigentes.’¹

¹ Ernesto Ferreira, A Ribeira Grande carta ao Redactor d’ O Trabalho’, *O Trabalho*, Ribeira Grande, 28 de Janeiro de 1905.

Fátima Ferreira

Destaque

A descoberta do Passado



No passado dia 21 de Março, do ano lectivo de 2001/2002, a turma do 8.º B e um aluno do 8.º D (do Currículo Alternativo), acompanhados por três docentes, da Escola Básica Rui Galvão de Carvalho da freguesia de Rabo de Peixe, fizeram uma visita de estudo que teve como objectivo observar e vivificar os hábitos e costumes do povo açoreano de outrora. Pelas 9:30, com a ajuda solícita dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande (no que diz respeito a transportes), os alunos fizeram uma visita guiada (pelo

Mestre Mário Moura e a Sra. Otilia) à Casa da Cultura da Ribeira Grande. Nesta instituição, os mesmos apreciaram com mais pormenor os utensílios de tecelagem, de carpintaria, a oficina de um sapateiro, uma tenda de barbeiro, uma cozinha rústica e uma capela anexa à casa. Para além disso, os alunos tiveram o prazer de ver um presépio mecânico que retrata a vida dos seus antepassados. Esta visita foi encerrada com a observação de moedas antigas, de lapinhas e das primeiras bandeiras da



Ribeira Grande.

Aproximadamente pelas 12:00, os alunos foram almoçar à cantina da Escola Básica 3/ Secundária da Ribeira Grande. Antes do almoço, os mesmos tiveram a oportunidade de conhecer o recinto da referida escola.

De tarde (pelas 14:30), os alunos dirigiram-se ao Museu Carlos Machado, de Ponta Delgada. Visitaram todo o convento (agora museu) e a sua igreja. Ficaram impressionados com a amostra de animais embalsamados da área de História Natural do Museu. Ainda observaram brinquedos da aristocracia, instrumentos de agricultura e pesca e um

escafandro utilizado pelos mergulhadores no passado. Dirigiram-se igualmente à secção de Artes Plásticas e uma das telas que mais agradou aos alunos foi a do pintor Domingos Rebelo, de nome: "Os Emigrantes".

A visita acabou com um convívio num Café perto do Museu, enquanto os alunos aguardavam pelo autocarro, que os levaria de regresso à escola.

Trabalho elaborado pelos alunos do 8.º B, com a coordenação das docentes Paula Teodoro e Nathalie Albuquerque.

Grupo Folclórico da Casa do Povo da Ribeira Grande deslocou-se à Ilha da Madeira



O Grupo Folclórico da Casa de Povo da Ribeira Grande, com actividades culturais desde 1985, no presente, composto por 44 elementos, incluindo bailarinos, músicos, quatro cantores e o ensaiador Décio Câmara, deslocou-se à Ilha da Madeira, acompanhado pelos Directores desta Instituição, Senhora Palmira Afonso e Senhor Manuel Jacinto Ledo, para mais um intercâmbio cultural, desta vez, a convite do Grupo de Romarias Antigas do Rochão, freguesia da Camacha.

Este encontro decorreu entre os dias 23 e 30 de Agosto último, ficando o grupo instalado na Escola Básica e Secundária da Camacha.

O ponto mais alto do encontro decorreu no dia 25, nas festas da Camacha, em honra do Santíssimo Sacramento. Pelas 19:30 houve um desfile de quatro grupos folclóricos, nomeadamente, o Grupo de Romarias Antigas do Rochão, o Grupo Folclórico da Casa de Povo da Ribeira Grande, o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz e o Grupo Folclórico Juvenil e Etnográfico de Ramalhais, este de Marco de Canaveses, Continente. Após a actuação destes grupos, como é habitual nestes encontros, houve troca de lembranças e finalmente um convívio.

Para além desta actuação, modéstia à parte, um sucesso, o nosso grupo foi convidado para actuar no dia 29, na Festa da Gastronomia na Vila do Caniço.

Nos restantes dias, o grupo anfitrião ofereceu uma viagem à volta da Ilha da Madeira e à cidade do Funchal, onde se teve a oportunidade de presenciar pontos de forte interesse turístico. Um muito obrigado ao grupo anfitrião e à Junta de Freguesia da Camacha e, principalmente, a todos aqueles que contribuíram para que esta viagem fosse possível, em especial, à Câmara Municipal da Ribeira Grande, Juntas de Freguesia da Conceição e da Matriz, ao comércio e indústria e a todos os elementos do grupo que se esforçaram para que esta viagem fosse um sucesso.

Ribeira Seca - 426 anos de freguesia

A Ribeira Seca, Concelho da Ribeira Grande, a dar conta da sua identidade, comemorou durante o final do passado mês de Outubro os seus 426 anos de Freguesia.

No Programa que envolveu a efeméride foram promovidas actividades de natureza social, cultural e desportiva.

Em termos sociais, relacionado com a terceira idade, e em parceria com o Centro Social local, promoveu-se o denominado *Passeio dos Avôs*, iniciativa que serviu para incentivar o convívio entre os mais idosos da freguesia. Por outro lado, como forma de dar a conhecer ao mundo a história e os usos e costumes da

nossa terra, e em simultâneo com um *Brinde* à mesma, foi inaugurado o site oficial da Freguesia, o qual, com toda a certeza, irá aproximar e fortificar os laços com as nossas gentes espalhadas pela *Diáspora*.

Do ponto de vista cultural, é de salientar a inauguração da Exposição de alunos e professores da *EB/JI Madre Teresa D'Anunciada*, alusiva ao encerramento das *Actividades Lectivas do ano 2001/2002*; a apresentação de um espectáculo de variedades, intitulado *Valores da Nossa Terra*, com artistas exclusivamente da Freguesia, evento que, certamente, contribuiu para o despertar de novos talentos para o mundo artístico, uma iniciativa à qual a comunidade (com os jovens em particular) aderiu; a palestra proferida pelo Professor Doutor Mariano Alves, subordinada ao tema



Ribeira Seca: Memórias e Percursos, ideia que se pretende ver repetida, até como espaço de reflexão sobre outros aspectos relacionados com a terra que nos viu nascer; e o lançamento do livro *Teresa de Jesus*, da autoria do Dr. Hermano Teodoro, editado pela Junta de Freguesia, a par da justa homenagem feita a mulheres da Freguesia, as quais ao longo de muitos anos têm sabido

manter a tradição das *Alâmpadas de São Pedro*. (De salientar nessa sessão a dissertação sobre a história das *Alâmpadas*, proferida pelo Senhor Alexandre Gaudêncio, bem como a actuação do *Coro Juvenil Madre Teresa D'Anunciada*); finalmente, a VI edição da Feira Gastronómica *Sabores da Nossa Terra*, que a Câmara Municipal da Ribeira Grande promoveu em parceria com a Junta de Freguesia de Ribeira Seca, iniciativa que começa a criar raízes na Ilha, dada a elevada presença de forasteiros.

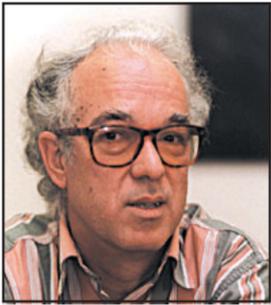
Na vertente desportiva, promoveu-se um encontro entre atletas da Freguesia, constatando-se que o desporto é um excelente meio de envolver e aproximar uma comunidade. Neste âmbito, ainda foram realizados torneios de Futebol de Sete e de Xadrez.

Com a comemoração dos 426 anos de elevação a Freguesia pretendeu-se homenagear toda a sua história e projectar o seu futuro. Um bem haja!

Carlos Anselmo
Autarca da Freguesia de Ribeira Seca

Crónica mal-humorada

Passeios e outros devaneios



Num princípio de noite de há umas três dezenas de anos, no troço da avenida Príncipe de Mónaco, ainda de terra nessa altura, a sul da rotunda onde plantaram aquele aglomerado de cimento armado, que dizem ser um monumento mas nem com legendas a gente entende, assisti a um passeio deveras extraordinário. Sob a luz dos faróis do automóvel em que seguia, vi, claramente visto como diria o poeta, um par inesperado a cruzar de um passeio ao outro: uma enorme ratazana e um gato, calmamente, lado a lado. Só não iam de braço dado porque não é próprio de quadrúpedes. Já vira coisas parecidas em fotografias, mas assim ao vivo a surpresa foi total.

Um dia destes li no jornal "O Ribatejo" a notícia de um outro passeio, não menos admirável, embora de um par humano segundo a espécie. Na cidade da Guarda, fresca no Outono a qualquer hora mas sobretudo de manhãzinha, uma senhora andou nua pelas ruas, apenas com uns sapatos nos pés e um cordel a amarrar-lhe, talvez simbolicamente, as mãos. A seu lado, bem vestido e bem disposto, ia o marido. Casal dos seus quase quarenta anos, apesar de casados há poucos meses. A polícia foi vestir a senhora para a esquadra, e talvez tenha proporcionado aos dois uns dias de descanso em lua-de-mel serôdia. Não sei se devia... É que, afinal, tratava-se de uma prova de amor, porque a mulher (não gosto de dizer esposa, porque em espanhol e no plural a palavra também significa algemas) mostrara-se disposta a fazer tudo o que fosse preciso para o marido acreditar que ela gostava dele a sério. E vai ele e propõe-lhe aquele passeio à Lady Godiva. Desconheço se as janelas da Guarda se fecharam respeitosamente, como as dos súbditos da honrada amazona medieval, ou se se abriram para gozar a coreografia daquilo que os maridos tradicionais costumam reservar só para os seus olhos. Mas como a tradição já não é o que era, vamos lá a saber o que é tradicional neste mundo, pois até a nossa insuspeita Assembleia Regional diz que dez anos a picar toiros contra a lei é tradição de fazer lei...

Ora se uma senhora, a dar tão extraordinária prova de amor, é presa pela guarda na Guarda, é porque alguma lei neste país deve fazer a distinção de quando é crime andar em pêlo ou de quando é arte mostrar o corpo. Porque no casino do Estoril foi aquilo que se sabe, e os deputados do PPE que se sentiram ofendidos ainda foram ridicularizados como atrasadinhos mentais ou culturais. Compare-se todas as estatísticas entre Portugal e os seus países de origem, e veja-se como só lhes ganhamos em desastres de estrada, litros de álcool por habitante, meninas grávidas e hóquei em patins.

Quer dizer talvez que, se à frente da senhora seguisse uma câmara de filmar comandada pelo João César Monteiro, provavelmente ela não iria parar à cadeia, porque se tratava de um exercício artístico, ainda que estivesse a ser filmada com o casaco do realizador a tapar a lente, como aconteceu com a "Branca de Neve" que custou cento e tal mil contos ao Estado. É que isto de moral, no nosso país, adapta-se à vontade de cada um como umas sapatilhas que comprei a um cigano há um bom par de anos.

O rapaz não tinha do meu número. Experimentei o tamanho abaixo, e os dedos dobraram-se quase até meia sola. Ele garantiu-me que elas alargavam, mas não me deixei convencer. Tentei o número acima, e sobrava sapatilha ou faltava pé, conforme o ponto de vista. Disse-me então o sábio vendedor, com uma convicção tal que me fez decidir pela compra: "Isso encolhe, isso encolhe!"

Daniel de Sá

Ser salvador de vidas



Era um dia de Verão, com o sol a convidar uma ida à praia. O mar estava com um ar simpático e longe parecia estar aquela raiva e força que tantas vezes demonstra, talvez porque dessas vezes tinha razões mais do que suficientes para se vingar dos homens devido à poluição.

A praia parecia ter vida própria, tal era a quantidade de gente que lá estava. As pessoas, de todas idades e feitios, estavam a aproveitar esse dia para dedicá-lo àqueles que mais amam e para se refugiarem de mais um dia de stresse no trabalho. Alguns brincavam à bola na areia, outros torravam ao sol para adquirirem o bronzeado tão desejado nessa altura do ano e raros eram os que se dedicavam à leitura. Nesse dia, ao olhar para tal moldura humana, todos pareciam divertir-se ou a descansar e nem sequer dei conta de que naquele mesmo local havia alguém que olhava por todas aquelas pessoas e que estaria disposto a arriscar a sua vida para salvar qualquer um.

Os nadadores-salvadores são pessoas como qualquer um de nós, mas só o facto de prescindirem do seu tempo de descontração e divertimento durante esta estação do ano já merecem a consideração de qualquer um. Na sua função, não olham a partidos, raças ou situação social para socorrer alguém, coisa que, lamentavelmente ainda existe na nossa sociedade quem repugne o outro por ter certas convicções ou por estar numa situação económica difícil.

Cavalgando as ondas, lutando contra as correntes traiçoeiras de um mar enraivecido vão buscar quem quer que seja e nem sequer têm tempo para pensar nas suas próprias vidas quando se atiram ao mar em busca da vítima. A vós, salva-vidas, deixovos a minha homenagem neste espaço que me é reservado.

Tal como os nadadores-salvadores devemos "salvar" aqueles que se afogam neste mar que é a vida, resistindo às ondas que querem levar a melhor sobre nós, porque quando se traz o naufrago para a areia, tudo toma sentido, não só na nossa vida como na vida daquele que precisou de ajuda!

Alexandre Gaudêncio

Contraste +

o fotógrafo

Contraste -

o fotógrafo



A repetir



A demolir



**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande

Nortadas

N.º 19

Atingimos o número de edições da III Série do Jornal *Ecoss do Norte*. Por muito que me custe dizer-lo, dificilmente o superaremos. Dos cerca de 24 títulos já publicados na Ribeira Grande, treze tiveram uma longevidade inferior à nossa. Por que razão?

Deputados Picados

Em finais de Outubro passado, a maioria dos **nostros** deputados regionais deixou-se picar pelos touros picados e legalizou, ao abrigo da lei de excepção votada na Assembleia da República para Barrancos, pasme-se!, segundo eles, uma vetusta prática de 12 anos, segundo nós, de vis ilegalidades, alegando, ao que consta, ser tal crueldade crucial para a identidade cultural da Ilha Terceira de Jesus. Já agora, por que não legalizar outra veneranda prática multissecular: o direito de o cabeça de casal poder *'rachar'* o capacete à consorte recalitrante? Nem tudo se deve preservar, meus senhores, muito deve ser remetido para o ignominioso lixo da História, exemplo disso seria abolir tão bárbara prática, que muito desonra a minha abalada identidade insular.

Direito & privilégio

Diário dos Açores, 21 de Outubro de 2002, fl. 2, 5 e 9, mais *Correio dos Açores*, 22 de Outubro de 2002, fl. 15, mais requerimento de deputados do PSD da Ilha de Ponta Delgada, de 22 de Outubro de 2002, mais vigorosos repiques na TV de Ponta Delgada, mais furibundos e indignados artigos nos mesmos órgãos *regionais* em dias diferentes, mais e mais devotados açorianos em coro afinado a *'malhar no ceguinho'*. Como de costume. A razão de tal buliçoso clamor? O corte pelo Governo Regional, agora que existem *Bertinhas* à solta, de algumas ligações de autocarros na Cidade de Ponta Delgada. Sucede que Ponta Delgada, desde 1985, segundo nos dizem, além da Cidade de Lisboa, que dentro em breve deixará de o ter, e ao contrário do que se passa em Angra, na Horta, e já agora, na Praia e na Ribeira Grande, beneficia do privilégio da prestação daqueles serviços pelo *caroço* da Região. Moral da *'estória'*: primeiro, com tantos e tão bons santos intercessores, padrinhos, cunhas e quejandos, com a eterna *'estória'* choradilha de ser o motor, a maior, e outros qualificativos que tais, não admira que tão poderosa urbe meta tudo e todos no papo; segundo, caso os demais papalvos não queiram ser engolidos *vivos*, abram bem os olhos e façam o mesmo. Trata-se tão-só do cobiçado fruto da descentralização arrancada em memoráveis e épicas jornadas de luta ao famigerado Terreiro do Paço por insígnis patriarcas ilhéus frequentadores das cercanias do Terreiro da Conceição. Bravo!

Idealmente falando

O Ideal de muitos Idealistas está a reerguer a cabeça, mas para que tal tenha

êxito é necessário que não se falhe tantos e tão escandalosos *pinaltes* e que os árbitros sejam mais *poupados* nos cartões. Temos treinador e temos direcção. Deixem o sofá e vão lá puxar pela equipa! Só assim se poderá sair da cepa torta e aspirar a mais sonoros rugidos do nosso Leão. O relvado, todavia, mais parece o ervado de outros tempos!

O Paradise sueco!

Tem-se disputado no Paradise, um notório covil do Leão, com organização esmerada, um encarniçado e interessante campeonato de sueca. Os parceiros *'suecos'* estão em plena forma. Quem lá se desloque ficará deslumbrado com os truques do cardápio.

Pavilhão quente

Agora que o Senhor Inverno avança a passo de gigante, nada mais agradável do que passar um serão no Pavilhão do Parque Desportivo. Se lá for, não se arrependerá. Desde o voleibol ao futebol de salão, ao judo, etc. Aquilo é tão bom e salutar como o Teatro Ribeiragrandense, só é pena que seja administrado nas Laranjeiras. Mas pode ser que mude.

Santa Governo Futebol Clube!

Pauly P. & Lucianno M., fluentes cultores da lusa língua mátria, num programa desportivo da Televisão de Ponta Delgada, dignaram-se apresentar aos açorianos uma *bem caçada* engenhoca financeira: a futura SAD do Santa C. Governo Futebol Clube, por ser o clube do Coração da açorianidade Oficial da Região, deverá ter pelo menos 40% de participação financeira do Governo Regional e outras tantas da Câmara Municipal de Ponta Delgada, da Associação de Municípios de São Miguel e, por que não, sublinhou enfaticamente o inefável Melo, subindo o tom da voz e arregalando os olhos com a sua luminosa sugestão, da Associação de Municípios dos Açores. Senhores Melo & P., somente uma humilde sugestão e uma simples pergunta. Já que têm, ao que dizem, a *massa* garantida, por que não sugerir a participação de uma eventual Associação de Freguesias e de Lugares das Ilhas. E uma pergunta: caso os Leões de Angra do Heroísmo ascendam à Superliga, deverão os mesmos parceiros emparceirar uma SAD leonina? Ou outra da outra Cidade que compõe o ramalhete da Santa Trindade islenha? Três pessoas e um só Clube verdadeiro? **Com os Açores no Coração**, obviamente!

Infelizmente tínhamos razão!

Fez já um ano que o desditoso *'marracho'* seiscentista foi ao chão seguindo do usual coro de vestais indignadas, fez um ano que lhe vaticinamos o desfecho: depois da algarra a emenda seria bem pior que o soneto! Melhor seria se tivéssemos acertado na taluda?

Avenidas & Avenidas

Proclamava o anúncio: *'Concurso Público para a Empreitada de concepção, projecto, blá, blá, blá, ... 'do prolongamento da Avenida Marginal de Ponta Delgada, 1.ª fase'* (*Correio dos Açores*, 16 de Outubro, 2002, fl. 21). Há um ano, Berta prometeu, passado um ano, Berta cumpriu. Assim é que é. Parabéns.

Velas ao alto!

Frederico Maciel, Director do *'Correio de São Jorge'*, ocupou todo o espaço da edição de 11 de Outubro de 2002, na defesa do Hospital das Velas, transformado, contra a memória dos que o fundaram e fizeram crescer, tal como sucedeu ao nosso, num mísero Centro de Saúde, face à intenção da nossa simpática, bem falante e racional Secretária Mendes de construir o Hospital de São Jorge na Vila da Calheta. Ai se o Dr. Jorge e o enfermeiro José Pereira ainda fossem vivos e de saúde!

Politécnico: os desvãos de escada

Quando convém aos altos desígnios do *Magnífico da Universidade dos Açores*, o Magnífico, qual Deus do Olimpo, fulmina: *'vão de escada'*, vide a salaio e atrevida pretensão do Politécnico da Ribeira Grande!; quando não convém, vide alarvidades de um Bastonário da Ordem dos Médicos, vide candidatura daquela Universidade a cursos de medicina, o Magnífico, sem pestanejar, enquanto o Demo esfrega um olho, defende-se de acusação idêntica socorrendo-se dos argumentos que rejeitara. Conveniências! Exclamam uns. Píruetas retóricas! Bradam outros.

Com Capital respeito, inscrevemo-nos!

Constará dos propósitos programáticos do recém criado Fórum Açores Livres, a quem desejo que pratique a liberdade que outrora foi a outros negada, para alguns talvez erradamente sucedâneo legal da ilegal FLA, a indicação da Capital do futuro Estado Federado dos Açores Livres? Certamente não será a cosmopolita Cidade da Horta a escolhida, como o pretendeu em 1975, ao que se diz, um timoneiro da Libertadora Açoriana, pois, certamente se recordará da resposta que um eloquente *sãmiguel-amarecano* lhe terá dado: *'os micalenses a mijar pra cima do Faial, o Faial ia ao fundo!'* E, aproveitando a deixa, pelo facto de a Região ser canalha para com a Ribeira Grande e pelo facto de os ribeiragrandenses serem uns papalvos anjinhos, por que não criarmos um Fórum Ribeira Grande Livres! Já agora!

Convívios Insulares

As ligações marítimas de passageiros entre as ilhas da Região e a abertura de novas estradas na ilha de São Miguel, marcarão por certo indelevelmente a acção do Governo de Carlos Manuel Martins do Vale César, de Duarte Ponte e de Mestre Contente. Estas contribuem

mais para a união do arquipélago do que milhares de resmas de Decretos-Legislativos Regionais. Os ribeiragrandenses deveriam ir dar uma curva pelas restantes ilhas, ditas ironicamente de baixo, munidos de bloco de notas e máquina fotográfica em riste de modo a comparar o que aí se faz e o que aqui não se fez. Seria instrutivo.

Estradas

O sonho de unir a ilha de São Miguel dos Mosteiros ao Nordeste, em alternativa à cabotagem a Sul e a parte da costa Norte, não é novo, mas é nova a sua concretização. No terceiro quartel do século XIX pensou-se mesmo na construção de uma via férrea, algo que ainda na primeira década do século XX estava de pé nos propósitos dos *gestores da coisa pública*. Se tudo correr bem, se este Governo não se acobardar com as exigências de outras ilhas mais sôfregas, cheias de elefantes brancos, se os SCUTS forem em frente, se o governo de Portas & Durão não atrapalhar, dentro de anos teremos o que perseguíamos há séculos.

Golfinho à vista

Desgarrado da família, um simpático mas desnorteado golfinho procurou o Norte a uns escassos metros da terceira corrente das Poças. Desencadeou um alvoroço em banhistas e vizinhança como não se via há anos por aquelas bandas! Foi em finais de Agosto. Alguns alvitram que andaria, por certo, à procura do novo Complexo balneário. Outros que não. Uns miúdos da Areia, porém, alheios a estas pesadas cogitações estivais, fizeram valer valores transmitidos pela televisão e pela escola e trataram-no com um carinho deveras comovedor. Se calhar, por isso, salvaram-lhe a vida. Obrigado à miudagem.

Animação estival

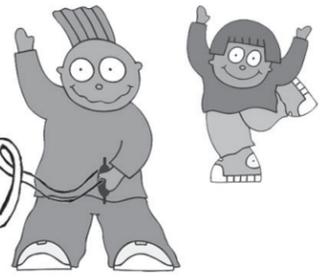
O centro da Cidade, de dia e noite, esteve bastante animado. Graças à Câmara. De dia, a leitura no jardim, à noite, em dois palcos, no jardim e na Cascata, actuaram diversos grupos musicais de toda a estirpe. Boa iniciativa.

Jardim da Matriz

Avançam as obras de remodelação do jardim da igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela. Aguarda-se com crescente expectativa a sua reabertura. Deve-se agradecer os empenhos da Câmara e da Junta de Freguesia de Ribeira Grande-Matriz.



Inverno



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

Editorial



Olá! Cá estamos nós outra vez!!!

Agora para te falarmos da tua época do ano preferida. Não digas que não sabes qual é? De certeza que já te apercebeste que o Inverno se aproxima e com ele... o Natal!!! Esta é uma das épocas mais bonitas do ano porque toda a família se reúne no aconchego e calor do lar. À meia-noite do dia 24 de Dezembro é tradição as pessoas sentarem-se à volta da árvore e trocarem presentes. Uma das partes mais bonitas desta festa é a decoração da árvore e a construção do presépio! Todos ajudam e com certeza tu também! Esperamos que vivas este Natal com muita alegria e paz!

Desejamos-te um Santo e Feliz Natal!!!



É tempo de
Inverno

Inverno

Chove muito. Às vezes, a chuva cai miudinha como flores. Outras vezes em cordas grossas. E o Sol não aparece. Chove muito. Muito. Dias seguidos. Levanta-se o dia a chover. A noite sobe da terra para o céu envolta em água. Tudo anda triste. Nem folhas, nem flores, nem aves, nem um dia de Sol. Até os meninos andam tristes. Os velhos sentem mais frio, as crianças menos alegria. Nem apetece estender as mãos e receber a água da chuva, como acontece nos dias bons da Primavera. Dias em que gostamos de correr à chuva, de danças debaixo da chuva.

Matilde Rosa Araújo

Vestirás um cachecol
Também um lençol
As folhas a voar
O céu a chorar
E eu à janela
Olhando para lá
Folhas a cair
Algumas a bailar
As flores quase caídas
As abelhas distraídas
As folhas sem cor
Só uma lareira a cores
É tempo de gelar
Tempo de chorar!

Daniel Almeida Ferreira,
6º A (Ano lectivo 2001/2002)

Noite de Natal

Joana tinha nove anos e já tinha visto nove vezes a árvore de Natal. Mas era como se fosse a primeira vez. Da árvore nascia um brilhar maravilhoso. Era como se o brilho duma estrela se tivesse aproximado da Terra. Era o Natal. E, no presépio, as figuras de barro, o Menino, a Virgem, São José, a vaca e o burro, pareciam continuar uma doce conversa que jamais tinha sido interrompida. Joana olhava, olhava, olhava. Um dos primos puxou-a por um braço. - Joana, estão ali os teus presentes. Joana abriu um por um os embrulhos e as caixas: a boneca, a bola, os livros cheios de desenhos a cores, a caixa de tintas. À sua volta todos riam e conversavam.



Sophia de Mello Breyner, *Noite de Natal* (adaptado)

First Commandment



R.M – Porquê esse nome?

J.E – Escolhemos esse nome porque na altura nos soou bem, mas como agora estamos a seguir um projecto diferente estamos a pensar mudar de nome, uma vez que vamos, a partir de agora, começar um projecto com duas vozes e em princípio sem *turntables*. Quando viermos a lançar um CD poderemos vir a acrescentar *turntables* (pratos de mistura de *vinis*), progressão com *djembe* (tambor africano) e *didjeridu* (instrumento aborígene usado por antigas tribos australianas).

R.M – A vossa banda é constituída por quem?

André Tavares, 18 anos, guitarra solo; João Espinha, 20 anos, voz e *turntables*; Gualter Couto, 17 anos, baterista; Pedro Valério, 24 anos, baixo; Hélder Pinheiro, 19 anos, voz; Emanuel Moreira, 18 anos, guitarra ritmo.

R.M – Quando é que surgiu a vossa banda?

H.P – A nossa banda surgiu há cerca de quatro anos, apenas comigo, com o Gualter e o Emanuel. Só há um ano é que surgiram os restantes elementos.

R.M – Que tipo de música vocês tocam?

J.E – Tocamos uma mistura de *Nu-metal* (estilo de música *rock/metal* caracterizado, quanto à parte instrumental, pelo recurso a guitarras eléctricas com efeito de distorção e igualmente a estilos de percussão – com ritmos mais aleatórios – na bateria ou outros instrumentos; quanto à parte vocal, pela utilização de uma dicção com influências de, entre outros, *Rap* mas mais agressivo), com *Trash-metal* (estilo de música *metal* caracterizado, quanto à parte instrumental, por uma percussão cujo ritmo é mais regular e pautado pela guitarra; quanto ao som das

guitarras eléctricas apresenta algumas afinidades com o *Nu-metal*; no que diz respeito à voz, recorrem-se a sons fortes e distorcidos) e com ingredientes de *Dub* (estilo musical que pode ser considerado como uma espécie de *Neo-reggae* com influências de *Ska* – técnica que, ao contrário do normal, consiste em puxar as cordas da guitarra no sentido inverso sem deixar prolongar a vibração das cordas) e *Hardcore* (estilo musical derivado do *Punk-rock* mas não tão comercial). Cada vez mais procuramos inovar e produzir “algo” original, tentando criar um estilo próprio fruto da cumplicidade, entrosamento e trabalho dedicado por parte dos elementos da banda.

R.M – E as músicas são escritas por vocês?

A.T – O Hélder e o João escrevem as letras e os restantes elementos são responsáveis pela parte instrumental. De qualquer forma todos os elementos da banda têm voz activa tanto na elaboração da parte lírica como da parte musical.

R.M – Que tipos de temas abordam nas vossas músicas?

A.T – Em todas as músicas procuramos transmitir algumas mensagens, através da exploração de temas ligados às injustiças e hipocrisias sociais e políticas, guerra e a, por vezes difícil, interacção entre sexos (com tudo o que esta acarreta).

R.M – Quanto a actuações, já tiveram algumas?

A.T – Já tivemos uma quantidade bastante razoável. Actuámos quatro vezes no *Beer House* e ainda nos Fenais da Luz, Festa dos Escuteiros, Festa do *Halloween*, Festas da Cidade, Festival dos Moinhos 2002, Lomba da Maia, etc..

R.M – E quanto ao dinheiro das actuações? Utilizam-no para quê?

J.E – Quanto aos dividendos que retiramos de alguns (porque nem todos são pagos) dos espectáculos até agora temos aproveitado para comprar material de som para a banda. Assim que conseguirmos reunir todo o material necessário para a obtenção de uma boa definição de som nos ensaios vamos juntar dinheiro para que possamos levar o nosso projecto além fronteiras.

R.M – Quanto a apoios, de câmaras, juntas de freguesia, etc.. Têm tido?

A.T – Até agora a Câmara não nos ajudou em nada pois nós queríamos uma sala de ensaios e a Câmara não conseguiu disponibilizar nenhuma.

J.E – Nem a Câmara nem a Junta de Freguesia.

H.P – Nem a vizinhança nos deixa ensaiar em paz.

G.C – O facto de termos poucas ajudas deve-se também ao facto do nosso estilo musical ser pouco compreendido cá na ilha. Esperamos que esta entrevista possa vir a contribuir para elucidar muitas pessoas pois a música é uma forte arma de intervenção perante a sociedade.

R.M – E agora, para terminar, falem-me dos vossos projectos para o futuro.

J.E – O nosso projecto mais recente foi a gravação de um CD que irá servir acima de tudo como registo discográfico sempre necessário à divulgação do nosso trabalho. A médio prazo estamos a equacionar a hipótese de lançar em *Demo CD* (CD de demonstração) com 4 ou 5 músicas. A longo prazo, quando e se todas as condições necessárias estiverem reunidas, gostaríamos de lançar um CD.

Rita Medeiros e Ângela Medeiros





deseja a todas Boas Festas!

New Fashion Rua N.ª Sr.ª da Conceição, 101

New Fashion

Novidades! Tecidos, rendas, cortinados, lingerie, retrosaria, lãs, bijuteria



Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os cooperantes para uma reunião da Cooperativa Mãe d'Água a realizar no próximo dia 30 de Novembro de 2002, pelas 20:30 horas, à sede no Centro Cultural da Ribeira Grande, com a seguinte ordem de trabalhos:

Continuação, dissolução ou suspensão da Cooperativa?

O Presidente da Direcção

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



Açor Foot-ball Club

No *Correio dos Açores*, de 26 de Janeiro de 1923, dava-se conta de que 'se acaba(va) de fundar ali (na Ribeira Grande) um *club* de *foot-ball*, ao qual foi posto o nome de *Açôr Foot-ball Club*. Já em 1923 ou ainda em 1922? A nota não nos esclarece. E acrescentava-se que 'têm os seus fundadores grande entusiasmo na sua organização, estando habilitados e dispostos a vencer todas as dificuldades.' Desejo que, como veremos, infelizmente, não foi cumprido.

A 15 de Fevereiro daquele ano, o mesmo jornal informava que no Domingo anterior o *Açôr Foot-ball Club*, em jogo de estreia, havia *cilindrado* o *Gaspar Frutuoso Foot-ball Club* por concludentes 13 a 1. A estrondosa derrota do *Gaspar Frutuoso* teria levado os seus dirigentes a concentrar esforços no novo grupo? Talvez, já que vemos o Dr. Oliveira San-Bento a colaborar com o *Açôr*.

Segundo o mesmo jornal, o *Açôr*, que em nota posterior e pela tradição oral vimos a saber que era constituído pela elite local, estaria instalado em dois enormes salões da rua do Alcaide, na freguesia da Conceição, onde a sua direcção pretendia desenvolver toda a espécie de desportos, tendo, inclusive, iniciado os trabalhos de adaptação a ginásio de um dos salões. Os estatutos estavam a ser redigidos pelo Dr. Oliveira San-Bento, que havia proferido uma alocução muito aplaudida sobre o tema. Jogara-se pela primeira vez futebol na Conceição, o *Gaspar Frutuoso* pertenceria à Matriz e o *Açôr*, à Conceição. Veremos, ao longo deste e de trabalhos posteriores, o modo como a rivalidade entre as duas freguesias, já existente entre as bandas de música e as festas paroquiais, terá contribuído para a consolidação das lealdades clubísticas locais, com especial destaque para as verificadas entre os '*partidários*' do *Águia* e do *Ideal*.

A 2 de Março, ainda no mesmo periódico, alvorotava-se o público leitor para a realização de um jogo entre as segundas categorias do *Instituto de Educação Física*, de Ponta Delgada, e o *Açôr Foot-ball Club*. Ao que nos diz a tradição oral, no *IEF*, clube associado às elites estudantis de Ponta Delgada, mais tarde transformado em *União Micaelense*, teriam jogado e jogariam muitos dos jogadores do *Açôr*. Após a concludente vitória frente a um grupo local, cujos membros, jovens das classes 'baixas' locais, a fazer fé na referida fotogravura, estariam ligados ao Prior Evaristo, nada melhor do que desafiar um clube que se pretendia emular. Todavia, o *IEF* primeiro ganharia por 4 a zero o segundo. O comentador registou que 'o árbitro tinha sido o Senhor Rego Lima' e que 'o campo (era) mau e muito pequeno. No entanto é bastante louvável a boa vontade dos ribeira-grandenses (*Correio dos Açores*, 6 de Março de 1923).' A má qualidade do recinto desportivo ribeiragrandense, bem como o desejo de um adequado, perpassa em toda a história do futebol ribeiragrandense e condiciona negativamente o nível do futebol praticado.

O mesmo jornal, de 25 de Março, dizia que estava 'despertando interesse entre nós o *Açôr Foot-Ball Club*, que há pouco foi organizado e ao qual pertence um numeroso grupo de rapazes da Vila. Todos manifestam os melhores desejos de que a associação prospere, facilitando aos rapazes entretenimentos sadios e honestos.' A 4 de Abril,

conforme o *Correio dos Açores*, novo confronto entre a segunda do *IEF* e o *Açôr* e desta vez a derrota foi mais pesada: 8 a zero. Um número superior a 200 espectadores assistira à partida. O jogo começara passados dez minutos do meio dia, tendo arbitrado o Sr. Pedro Cymbron. E comentava-se: 'o jogo correu na maior animação de ambas as partes, cabendo aos 3 minutos de jogo a primeira bola para o Instituto. Os jogadores deste apresentaram-se jogando bem, em especial a linha de avançados, as defesas e o guarda-redes. Da parte do *team Açôr* houve grande desorientação, devido ao jogo combinado do Instituto, tendo-se salientado mais o seu guarda-redes Albergaria, o defesa Madeira e o ponta direita que foi enérgico, se bem que um pouco desleal nas cargas ao guarda-redes do Instituto, que fez boas defesas. Durante o desafio tocou uma charanga, mantendo-se a assistência na melhor ordem. Há a lamentar que a garotada, tendo apanhado a bola do Instituto, lhe desse umas navalhadas. O juiz foi correctíssimo, tendo feito uma bela e imparcial arbitragem. O *team* do Instituto era assim constituído: guarda-redes, N. Vieira, defesas, Mota (?) e Ataíde – Meias defesas, (?), Rodrigues e Adriano, avançados, J. Cymbron, Hipólito, Flores, Lima e Branco, Suplente, Damião.' Para nossa desilusão não nos dá a constituição da do *Açôr*. Viriato Madeira, jogador do *Açôr*, no rescaldo do jogo, para repor a verdade das coisas, dirige uma incisiva carta ao Director do *Correio dos Açores* publicada a 8 de Abril, na qual esclarece alguns incidentes ocorridos na partida de 2 de Abril. Reza assim: 'na re-



João Albergaria: guarda-redes

portagem do desafio de *foot-ball*, que em 2 do corrente teve lugar nesta Vila, entre a 2.ª categoria do *Instituto de Educação Física* e a 1.ª do *Açôr Foot Ball Club*, feita ontem no jornal da muito digna direcção de V. EX.ª, há uma inexactidão, e a um tempo injustiças, que, embora atingindo apenas a 'garotada' de Ribeira Grande, eu não posso deixar passar sem protesto, pelo simples culto que presto, como todos devem prestar, à verdade. Ninguém, garoto ou não, fez o mínimo dano à bola, que se diz ter sido anavalhada pela tal garotada que a apanhou. O que sucedeu foi ter ido essa bola cair, impulsionada por um



Viriato Moreira: capitão de equipa

jogador sobre uma das lanças do gradeamento da porta de entrada do campo, onde sofreu um rasgão que atingiu apenas o revestimento de couro, tanto que continuou ainda a jogar por algum tempo. Os rapazes que a apanharam quando a seguir ela caiu da parte de fora do campo, mal algum lhe fizeram, antes a foram entregar solícitamente aos jogadores. Sou insuspeito nesta rectificação daquela parte da referida reportagem, porquanto não sou filho, mas apenas hóspede, desta vila.' Assina: Viriato da Costa Madeira, capitão do *Açôr Foot ball Club*. (continua)

Os quês e os porquês

Banho de mar, banho de ar

ponte@aer.com



do Encrencas, que era um rapaz como os outros mas com queda para armar enredo onde ninguém via problema.

O nosso Encrencas andava muito intrigado. Quando o calor do Verão apertava, agarrava nos calções de banho e zarpava para o mar, mas mal ponha o pé na água, era arrepio certo. Sentia o mar sempre frio. E não era só coisa de primeiras impressões. Se se descuidasse das horas no mar, mais mergulho, menos braçada, estava a tremer do queixo. Ora, podia estar todo o dia em seco, mesmo em dia sombrio sem sol a torrar-lhe a pele, e nunca tiritava de frio. Porque havia de ser tão diferente, um banho de mar e um "banho de ar"?

É óbvio, toda a gente lhe dizia, o ar está mais quente do que o mar. Encrencas sabia que, muitas vezes, o óbvio é tudo menos isso. Desenrascou à socapa um termómetro em casa e começou a medir. O ar estava mais quente, sim, mas coisa pouca. Nada que explicasse ficar com o queixo a bater como castanholas, pensou. Um dia, já com o Verão a arrefecer de velho, meteu o termómetro no mar e o mercúrio subiu. Mesmo com a água a uma temperatura mais alta do que o ar, nem por isso achou o mar mais quente. Viessem lá dizer-lhe agora que era negócio de temperaturas! Encrencas tinha toda a razão, mas não

teve tempo de chegar à resposta certa porque, entretanto, eu acordei com o sonho a meio caminho, e tive eu próprio de esmiuçar o enriço.

Hão-de lembrar-se os leitores de que a temperatura é a manifestação a nível macroscópico da vibração frenética das moléculas que compõem a matéria. Quanto mais vibração, mais elevada a temperatura, ou seja mais calor, mais energia térmica. A pele do nosso corpo está normalmente mais quente do que o ar ou a água do mar. Há portanto tendência para o corpo perder calor, isto é, para transmitir parte da sua maior agitação térmica para o ar ou a água. Como constatou o Encrencas, essa perda de calor dá-se muito mais rapidamente na água. A razão é simples. A água, em parte por ser mais densa do que o ar, com as suas moléculas mais perto umas das outras, é muito melhor nesse jogo de bilhar microscópico, em que moléculas mais quentes batem noutras mais frias e transmitem assim parte da sua maior energia térmica. Não só tem muito mais moléculas junto à pele, para participar nesse jogo de bilhar, mas depois é mais rápida a escoar o calor que recebe do corpo para longe da pele. É por isso que, mesmo estando à mesma temperatura do que o ar, o mar é muito mais eficiente a sugar calor do corpo.

Para usar palavras mais caras, diz-se que a água tem uma maior condutibilidade térmica do que o ar. Basta um banho de mar para provar isso. Tal como basta saltar da cama, pés descalços no chão, para perceber que o sobrado de madeira é melhor condutor de calor do que o tapete. Tal como basta cair numa cama fria para saber que o mais comum dos panos de lençol conduz melhor calor do que a flanela. Que foi o que me trouxe a esta estória do Encrencas, para aqueles leitores que a esta hora já estavam sem saber o que uma noite fria de Outono tinha a ver com tudo isto.

Rui Melo Ponte



NOVOS SERVIÇOS!



Alinhamento de Direcção

Calibragem de Pneus



MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400